

# UNO

**LLYC IDEAS**

EXPLORAR. INSPIRAR.



**UNIÃO EUROPEIA - AMÉRICA LATINA:**  
**novos tempos, novas alianças**

## LLYC IDEAS

IDEAS é o Centro de Liderança através do Conhecimento da LLYC.

Porque assistimos a um novo contexto macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

IDEAS é uma combinação global de relacionamento e intercâmbio de conhecimento, que identifica, enfoca e transmite os novos paradigmas da sociedade e as tendências de comunicação a partir de um posicionamento independente.

Porque a realidade não é preta nem branca existe LLYC IDEAS .

## UNO

A UNO é uma publicação do LLYC IDEAS dirigida a clientes, profissionais do setor, jornalistas e formadores de opinião, na qual empresas convidadas da Espanha, Portugal e América Latina, juntamente com os Sócios e Diretores da LLYC, analisam questões relacionadas ao mundo da comunicação.

llorentycuenca.com  
ideasbr.llorentycuenca.com  
revista-uno.com.br



# UNO

**DIREÇÃO E COORDENAÇÃO**  
LLYC IDEAS

**CONCEITO GRÁFICO E PROJETO**  
AR Difusión

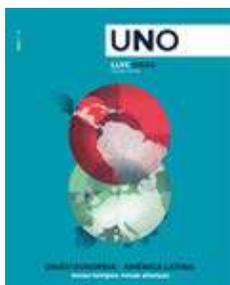
**ILUSTRAÇÕES**  
Marisa Maestre

Madri, julho de 2023

---

O LLYC IDEAS não necessariamente assume como suas as opiniões expressas nos artigos dos colaboradores habituais e convidados da UNO.

Todos os direitos reservados. É estritamente proibida a reprodução total ou parcial dos textos e imagens contidos nesta publicação sem a autorização expressa do LLYC IDEAS .



# SUMÁRIO

2023 n° 40

- 4 **QUEM** são os **COLABORADORES**
- 
- 11 **UE-AMÉRICA LATINA: NOVOS TEMPOS, NOVAS ABORDAGENS**
- 
- 13 **O MOMENTO** da **ESPAÑA** na **EUROPA**
- 
- 15 **QUATRO ROTAS** para um **RELACIONAMENTO ESTRATÉGICO**
- 
- 18 De **PARCEIROS NATURAIS** a **PARCEIROS PREFERENCIAIS**
- 
- 21 A **UNIÃO EUROPEIA** e a **AMÉRICA LATINA:** em **BUSCA** de uma **GOVERNANÇA COMPARTILHADA**
- 
- 24 Uma **ALIANÇA DIGITAL LATAM-UE** para **FORTALECER** a **CONECTIVIDADE** e a **INCLUSÃO**
- 
- 27 **AMÉRICA LATINA-UNIÃO EUROPEIA:** quando a **CONTINUIDADE** é a **CHAVE** da **AGENDA**
- 
- 30 **ENQUADRAR** o **CÍRCULO** de **TRANSIÇÕES VERDES** e **ENERGÉTICAS**
- 
- 32 **O POTENCIAL INFINITO** do **CORPORATE VENTURE CAPITAL** na **AMÉRICA LATINA**
- 
- 35 **UNO + 1 ENTREVISTA** José Antonio Llorente conversa com Moisés Naím
- 
- 41 **DIGITALIZAÇÃO, INOVAÇÃO** e **SUSTENTABILIDADE**
- 
- 43 **O RENOVADO INTERESSE** pela **AMÉRICA LATINA:** uma **OPORTUNIDADE** para **FORTALECER** a **INFLUÊNCIA** da **ESPAÑA** na **UE**
- 
- 45 **DIGITALIZAÇÃO,** a **NOVA PONTE ATLÂNTICA** entre a **UE** e a **AMÉRICA LATINA**
- 
- 49 **UNIÃO EUROPEIA - AMÉRICA LATINA:** uma **NOVA OPORTUNIDADE?**
- 
- 51 A **REVOLUÇÃO INVISÍVEL** e as **NOVAS PRIORIDADES** de **TALENTO**
- 
- 54 **VALORES COMUNS** entre **AMÉRICA LATINA** e **EUROPA?**
- 
- 56 Como **AUMENTAR** a **RESILIÊNCIA** dos **SISTEMAS** de **SAÚDE** na **AMÉRICA LATINA?**
- 
- 59 **PIONEIROS** do **POSSÍVEL:** a **UE** e a **AMÉRICA LATINA, UNIDAS** para **DESENVOLVER DIREITOS DIGITAIS**
- 
- 61 Os **DESAFIOS** da **SUSTENTABILIDADE** na **UE** e na **AMÉRICA LATINA PASSAM** pela **AMAZÔNIA**
- 
- 65 A **CREATOR ECONOMY CRESCE** na **AMÉRICA LATINA** e **OFERECE OPORTUNIDADES** para a **UE**
- 
- 67 **SOLUÇÕES** de **REDE** para um **PROBLEMA COMUM:** a **PESCA ILEGAL**
- 
- 71 A **CULTURA: CHAVE** para um **RELACIONAMENTO HORIZONTAL**
- 
- 74 **BUSCANDO** a **CONFIANÇA** para **GOVERNAR**
- 
- 77 **PRÊMIOS** conquistados pela UNO
- 
- 78 **LLYC**

# QUEM são OS COLABORADORES



## José Manuel Albares

**Ministro de Relações Exteriores, União Europeia e Cooperação da Espanha.** Formado em Direito pela Universidade de Deusto e diplomata de carreira. Trabalhou na Colômbia, na França e na Representação Permanente da Espanha na OCDE, onde foi eleito vice-presidente do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD). Foi embaixador da Espanha na República Francesa e no Principado de Mônaco e secretário-geral de Assuntos Internacionais, União Europeia, G20 e Segurança Global no Gabinete do Presidente do Governo. Desde 2021, é ministro de Relações Exteriores, União Europeia e Cooperação do Reino da Espanha. Recebeu inúmeras condecorações ao longo de sua carreira, como a Encomienda de Numero de la Orden de Isabel La Católica, entre outras. [Espanha]

---



## Andrés Allamand

**Secretário-Geral Ibero-Americano.** Advogado e político chileno, foi ministro da Defesa e ministro das Relações Exteriores da República do Chile, onde também foi eleito senador em duas ocasiões e deputado por um mandato. Também trabalhou como consultor no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). No campo acadêmico, foi reitor da Escola de Governo da Universidade Adolfo Ibáñez. Desde 2022, é o chefe da Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB). [Chile]

---



## Javier Niño Pérez

**Diretor Adjunto para as Américas no Serviço Europeu para a Ação Externa.** Formado em Direito pela Universidade de Valladolid (Espanha), mestre em Direito Europeu pela Vrije Universiteit Brussel (VUB) e mestre em Estudos Europeus pelo College of Europe, ingressou na Comissão Europeia em 1994. Foi chefe da Divisão dos Estados Unidos e Canadá e chefe da Divisão da Turquia na sede do SEAE em Bruxelas. Anteriormente, foi chefe da Delegação da UE no Haiti e em Cuba. Desde 2020, é o diretor adjunto para as Américas no Serviço Europeu para a Ação Externa. Foi condecorado com as Ordens Nacionais de Burkina Faso e do Haiti e com a Cruz de Oficial da Ordem de Isabel, a Católica. [Espanha]



### **Paloma Baena**

**Diretora Sênior de Assuntos Europeus e Next Generation EU na LLYC Madri.** Especialista em sustentabilidade, governança, digitalização e políticas públicas. Mestre em Administração Pública e Desenvolvimento Internacional pela Universidade de Harvard. Graduada em Direito Internacional pela Université d'Aix-Marseille III. Foi especialista sênior em governança pública no Banco Interamericano de Desenvolvimento, chefe de divisão adjunta na OCDE, diretora global de governança na Save the Children International e vice-presidente de alianças estratégicas e políticas na Clarity AI. É professora na School of Politics, Economics & Global Affairs, membro do conselho consultivo da ADEVINTA Espanha e curadora da Robert F. Kennedy Human Rights Foundation. [\[Espanha\]](#)

---



### **Juan Pablo García-Berdoy**

**Assessor Principal para Assuntos Europeus na LLYC.** Especialista em assuntos políticos, institucionais e regulatórios europeus. Diplomata desde 1987, passou a maior parte de sua carreira na Europa. Foi diretor-geral de Política Externa para a Europa (2002-04), embaixador da Espanha na Romênia e Moldávia (2005-09), embaixador na Alemanha (2012-16) e embaixador Representante Permanente na União Europeia (2016-21). Desde 2022, é assessor principal para Assuntos Europeus na LLYC. [\[Espanha\]](#)

---



### **Alicia Richart**

**Diretora-Geral da Afiniti para Espanha e Portugal.** Formada em Engenharia Industrial pelo Instituto Químico de Sarrià, tem MBA pela Esade Business School e mestrado em Finanças Corporativas. Durante oito anos, trabalhou na Accenture em projetos de estratégia e transformação de empresas e, anteriormente, na Total como engenheira de processos na França, EUA, Bélgica e China. Participou do projeto de criação e IPO da Cellnex e foi fundadora e CEO da Digitales. Também trabalhou no gabinete do ministro da Indústria, Energia e Telecomunicações. Foi nomeada Campeã Digital pela Comissão Europeia por trazer a Agenda Digital Europeia para a Espanha. Atualmente é consultora da Universidade Europeia. [\[Espanha\]](#)

---



### **Juan Carlos Gozzer**

**Sócio e CEO para a América Latina da LLYC.** Especialista em gestão de reputação e estratégias de comunicação. Ao longo de seus 15 anos na empresa, coordenou diferentes projetos de posicionamento estratégico na América Latina e liderou o desenvolvimento das operações da LLYC no Brasil e na Região Sul, que inclui Argentina e Chile. É formado em Ciências Políticas com especialização em Informação Internacional pela Universidade Complutense de Madri e tem mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Bolonha. [\[Brasil\]](#)



### **Cristina Manzano**

**Diretora da *esglobal* e da IE Insights.** Formada em Ciências da Informação com especialização em Jornalismo pela Universidade Complutense de Madri, fez pós-graduação na Universidade de Maryland. Sua experiência inclui várias funções no jornalismo, principalmente como colunista do *El País* e do *El Periódico de Catalunya*, e como comentarista regular da Radio Nacional de Espanha (RNE). Ela é uma palestrante regular sobre tópicos relacionados a assuntos internacionais. Ele também é membro do Conselho Científico do Real Instituto Elcano, do CIDOB e do Conselho Europeu de Relações Exteriores (ECFR). [\[Espanha\]](#)

---



### **Adolfo Vinatea**

**CEO da Krealo, o *corporate venture capital* do Grupo Credicorp.** Administrador formado pela Universidad del Pacífico e com MBA pela London Business School, iniciou sua carreira profissional em 2005 no mundo do *private equity* e finanças, no qual teve grande sucesso, sendo nos últimos anos vice-presidente do Nexus Group e, desde 2015, diretor da Advent International. [\[Peru\]](#)

---



### **Moisés Naim**

**Analista de economia e política internacional e escritor.** É membro do Carnegie Endowment for International Peace, um dos mais influentes *think tanks* do mundo, e diretor e produtor do *Efecto Naim*, um programa semanal de televisão sobre assuntos internacionais transmitido nas Américas. Seus artigos de opinião são publicados em alguns dos principais jornais da Europa, América Latina e Estados Unidos. Foi editor da revista *Foreign Policy* por quatorze anos e recebeu o Prêmio Ortega y Gasset de Jornalismo em 2011. No setor público, foi ministro da Indústria e Comércio da Venezuela, diretor do Banco Central da Venezuela e diretor executivo do Banco Mundial. Seu último livro publicado é *La revancha de los poderosos*. [\[Venezuela\]](#)

---



### **John Rutherford**

**Responsável Global de Relações Internacionais do BBVA.** Graduado em Engenharia de Materiais pela Universidade Simón Bolívar e MBA pela Universidade de Michigan. Tem quase 30 anos de experiência no BBVA, onde ocupou vários cargos de liderança, como chefe global de Finanças Públicas e chefe de Financiamento de Projetos para a Europa e América do Norte. Também foi diretor associado da Schrodgers em Londres e analista financeiro da General Electric. Desde 2020, ele é o responsável global de Relações Institucionais do BBVA. [\[Reino Unido\]](#)



### **Raquel García Llorente**

**Pesquisadora do Real Instituto Elcano.** Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Complutense de Madri e MBA Internacional pela Universidade Politécnica de Madri. Atualmente, está fazendo doutorado na Universidade Autônoma de Madri sobre o ecossistema de influência da Espanha em Bruxelas. Anteriormente, trabalhou no Departamento de Assuntos Europeus do Gabinete da Presidência do Governo. Desde 2021, é pesquisadora do Real Instituto Elcano. Ela também é assessora de Assuntos Públicos e Europeus para empresas de consultoria como LLYC. [\[Espanha\]](#)

---



### **Andreu Vilamitjana**

**Diretor-Geral da CISCO Espanha.** Engenheiro eletrônico pela Universidade Ramón Llull-La Salle, MBA pela ESADE e graduado no Programa de Gestão Avançada do INSEAD. Com quase 30 anos de experiência no setor de TIC, foi vice-presidente Global de Negócios Verticais da Sage e gerente-geral da Divisão SMB e Start Up da Sage Espanha. Anteriormente, ocupou os cargos de diretor-geral comercial na T-Systems Iberia e diretor de Grandes Empresas e Administrações Públicas na Orange. Desde 2019, é diretor-geral da Cisco Espanha e membro dos Conselhos de Administração da DigitalES e Autelsi e da Câmara de Comércio dos EUA na Espanha. [\[Espanha\]](#)

---



### **María Ángela Holguín**

**Ex-Ministra das Relações Exteriores da Colômbia.** Cientista política com especialização em Administração Pública e Instituições Administrativas pela Universidad de los Andes e em Diplomacia e Estratégia pelo Centro de Estudos Diplomáticos e Estratégicos (CEDS) em Paris. Foi embaixadora e representante permanente da Colômbia nas Nações Unidas e embaixadora da Colômbia na República Bolivariana da Venezuela, vice-ministra das Relações Exteriores, secretária-geral do Ministério e primeira secretária da Embaixada em Paris. Também foi secretária particular do Procurador-Geral da República e representante do Banco de Desenvolvimento da América Latina - CAF na Argentina. Atualmente, faz parte do conselho de administração de várias empresas. [\[Colômbia\]](#)

---



### **João Nunes**

**Diretor de Mercados Estratégicos LATAM no Pagegroup.** Formado em Relações Internacionais com especialização em Estratégia de Negócios Internacionais. Possui 19 anos de experiência no PageGroup em países como Portugal, Brasil, México e América Central. Durante sua carreira na empresa de consultoria, gerenciou diferentes operações das marcas Page Executive e Michael Page em diferentes países, sendo responsável pela estratégia comercial do negócio, bem como pela gestão e liderança da operação de recrutamento especializado. Atualmente, lidera os mercados estratégicos da América Latina, que incluem Tecnologia, Saúde e Ciências da Vida em todas as marcas do PageGroup e faz parte do Comitê Global de Tecnologia da empresa. [\[Portugal\]](#)



### Ramón Jáuregui

**Presidente da Fundação Euroamerica.** Formado em Engenharia Técnica e Direito. Ex-secretário geral do Partido Socialista Espanhol (PSOE) no País Basco e membro do Parlamento Basco, do Congresso de Deputados da Espanha e do Parlamento Europeu. Foi vice-presidente do governo basco entre 1987 e 1991, e foi ministro da presidência do governo espanhol entre 2010 e 2011. Foi presidente da Delegação Parlamentar UE-México junto ao Parlamento Europeu e da Assembleia Parlamentar Eurolat. Desde 2019, é presidente da Fundação Euroamerica. [Espanha]

---



### Yaneth Giha

**Diretora Executiva da Federação Latino-Americana da Indústria Farmacêutica (FIFARMA).** Formada em Economia pela Universidad de los Andes, tem mestrado em Estudos Políticos pela Universidad Javeriana e mestrado em Estudos de Guerra pelo King's College London. Ocupou vários cargos no setor público colombiano. Antes de ingressar na FIFARMA, atuou como presidente executiva da AFIDRO, a associação que representa as empresas colombianas de pesquisa e desenvolvimento farmacêutico. Desde 2022, é diretora-executiva da FIFARMA. [Colômbia]

---



### Enrique Goñi

**Presidente do Instituto Hermes.** Graduado em Direito pela Universidade de Navarra, completou o Programa de Gerenciamento Sênior pelo IESE. Iniciou sua carreira profissional no Barclays Bank, foi diretor do grupo de empresas MutuAvenir e vice-gerente geral da Agrupación Mutua. Também foi CEO da Caja Navarra e da Caja de Ahorros de Navarra. Em 2010, como presidente executivo, fundou o Grupo Banca Cívica, do qual foi co-presidente e CEO até sua integração com o Caixabank. Atualmente, é vice-presidente da Critería Caixa e presidente do *think tank* Instituto Hermes. [Espanha]

---



### Helder Z. Barbalho

**Governador do Estado do Pará (Brasil).** Formado em Administração de Empresas pela Universidade da Amazônia, é pós-graduado com MBA Executivo em Gestão Pública pela Fundação Getúlio Vargas. Em 2004, foi eleito prefeito de Ananindeua, tornando-se o prefeito mais jovem da história do Pará. Foi ministro da Pesca e Aquicultura, ministro-chefe da Secretaria Nacional de Portos e ministro da Integração Nacional do Brasil. Em 2018, foi eleito governador do Estado do Pará e reeleito em 2022, com mais de 70 % dos votos, sendo o governador mais votado do Brasil. [Brasil]



### **Leandro Conti**

**Diretor Sênior de Comunicação e Marketing & Relações Externas da Hotmart.** Formado em Comunicação pela Universidade Metodista do Brasil, possui mais de 20 anos de experiência em comunicação estratégica e assuntos corporativos; trabalhou em posições de liderança em empresas multinacionais como UnitedHealth Group, Syngenta, Bayer, Philip Morris e Nextel. Atualmente, é diretor sênior de Comunicação, Marketing e Relações Externas da Hotmart, uma empresa global de tecnologia voltada para a Economia Criativa. [\[Brasil\]](#)

---



### **Daniel F. Runde**

**Vice-presidente Sênior do Center for Strategic and International Studies (CSIS).** Seu trabalho se concentra na liderança dos EUA na construção de um mundo mais democrático e próspero. Antes do CSIS, ocupou cargos de liderança na Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e no Grupo do Banco Mundial, presidiu dois comitês consultivos do governo dos EUA, trabalhou em bancos comerciais e bancos de investimento. Recebeu a Cruz Oficial da Ordem de Isabella, a Católica. Se formou cum laude no Dartmouth College e tem mestrado em políticas públicas pela Universidade de Harvard. [\[Estados Unidos\]](#)

---



### **Marina Artusa**

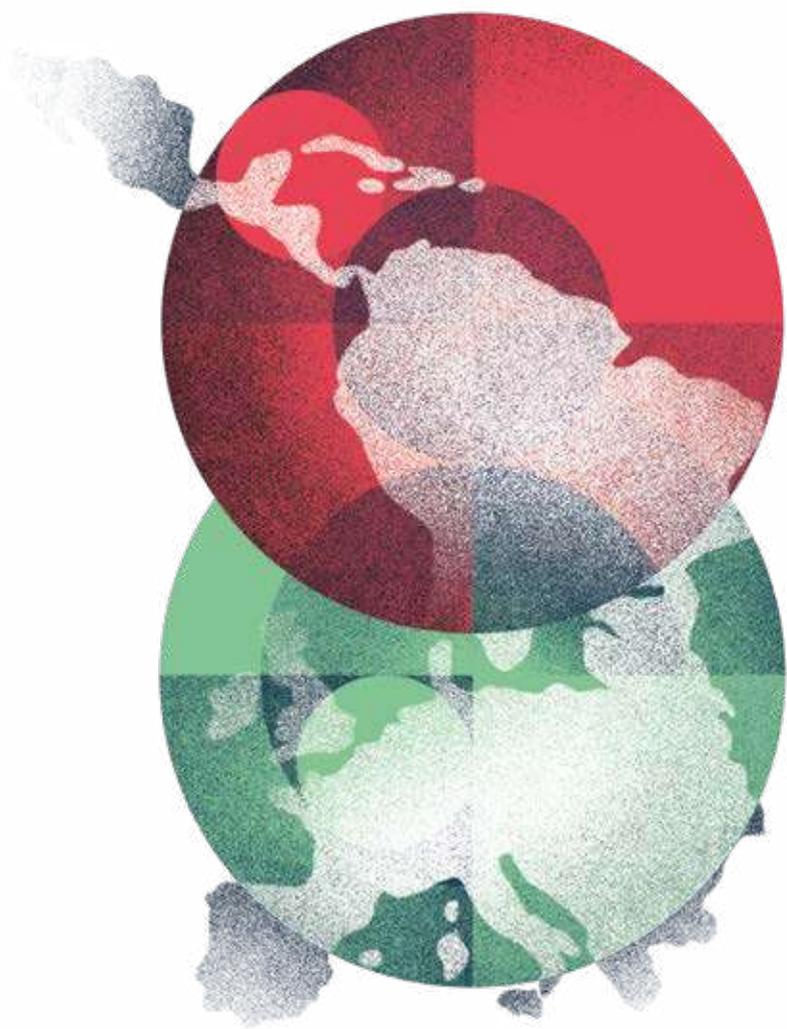
**Correspondente do Clarín na Espanha.** Começou no *Clarín* como estagiária. Editou a revista *Viva* e, desde 2012, é correspondente na Europa. Hoje, de Madri. Tem mestrado em jornalismo pela Universidade de Columbia e lecionou na Universidade de Nova York. Recebeu uma bolsa de estudos da Comissão Europeia para fazer um doutorado na Università di Bologna, na Itália. Em 2019, o Foro de Periodismo Argentino (FOPEA) lhe concedeu o Prêmio Principal de Jornalismo Investigativo. [\[Argentina\]](#)

---



### **Erika Mouynes**

**Ex-Ministra das Relações Exteriores da República do Panamá e Fellow de Harvard.** É uma proeminente autoridade pública e executiva de negócios e jurídica da América Latina. Foi a 62ª ministra das Relações Exteriores da República do Panamá e é uma das poucas mulheres líderes da região a ter ocupado um cargo de tão alto nível. Sua experiência excepcional nos setores público, privado e acadêmico a tornou uma autoridade internacional reconhecida em análise geopolítica. Atualmente, é presidente do Conselho do Atlantic Council-Latin America e está desenvolvendo um projeto acadêmico na Universidade de Harvard que analisa riscos e oportunidades na América Latina. [\[Panamá\]](#)



# UE-AMÉRICA LATINA: NOVOS TEMPOS, NOVAS ABORDAGENS



**José Antonio Llorente**

Sócio-Fundador e Presidente da LLYC / Estados Unidos - Espanha

Os vínculos existentes entre a América Latina e a União Europeia em geral, e a Espanha especificamente, são sem dúvida especiais. A UE é a maior investidora na América Latina, e a Espanha o maior entre os países membros. Os investimentos latino-americanos deste lado do Atlântico têm crescido recentemente, especialmente os provenientes de empresas de médio porte e *startups*. As conexões culturais, fruto de séculos de uma relação complexa, mas intensa, têm fomentado a criatividade e a inovação empresarial. Nos últimos anos, devido à incerteza causada por uma grande crise da globalização, as duas regiões manifestaram o desejo de estreitar ainda mais seus laços. Talvez a UE possa ser um exemplo para a América Latina avançar em sua desejada integração. Com certeza, esta tem muito a ensinar à Europa sobre como gerenciar riscos e eventos inesperados.

Mesmo assim, precisamos reconhecer que algumas declarações que às vezes fazemos sobre nosso relacionamento especial expressam desejo e não realidade. Ainda existem muitas possibilidades a serem exploradas e muitos mal-entendidos a serem desfeitos. Na LLYC, acreditamos que a Presidência espanhola do Conselho da UE durante o segundo semestre de 2023 (que tem como um de seus principais objetivos fortalecer a relação, liderar e facilitar o diálogo entre as duas regiões) é uma oportunidade inédita de converter boas intenções em projetos mais justos, sólidos e duradouros.

**“Dedicamos esta edição da UNO aos vínculos entre a América Latina e a União Europeia porque, para a LLYC, eles são mais do que apenas uma boa ideia: estão no centro de nosso projeto de negócios”**

Por isso, quisemos dedicar este número 40 da revista UNO à necessidade de criar novas alianças entre a União Europeia e a América Latina. Convocamos políticos, gerentes, jornalistas, altos funcionários, intelectuais e consultores da LLYC para nos falar sobre suas experiências e compartilhar suas visões e ideias nestes tempos de crise e oportunidade. Porque, para a LLYC, os vínculos entre a América Latina e a UE são mais do que só uma boa ideia: eles estão no centro do nosso projeto de negócios. Pouco depois de nascer em 1995, em Madri, realizamos nossos primeiros projetos na Argentina e no Peru, e começamos a abrir escritórios em Lima, Buenos Aires, Bogotá, Panamá e outras cidades até chegar às atuais 17 sedes da empresa em 13 países da América Latina. E expandimos muito nossas atividades em todo o continente. No final de 2022, 50 % da receita operacional da LLYC veio da América Latina e um dos objetivos do nosso plano estratégico nos próximos três anos é

continuar crescendo lá. O estabelecimento de novas alianças entre a América Latina e a UE não é só a capa desta revista: é a nossa vocação.

Juan Carlos Gozzer, CEO da LLYC América Latina, lembra nestas páginas que nossas duas regiões são “as mais compatíveis do planeta”, assim como em aspectos fundamentais para o futuro da economia e até mesmo para a convivência global: a digitalização, a transição energética, a coordenação política para enfrentar desafios como a ascensão da China, a nova realidade comercial pós-pandemia, a necessidade de novas matérias-primas e a guerra no coração da Europa. Tudo isso nos obriga a ser especialmente inventivos e ousados. A Presidência espanhola do Conselho da UE é um evento de natureza política. Mas é a sociedade como um todo, com seu empresariado à frente, que deve se comprometer a fazer com que o que os representantes europeus e latino-americanos, liderados pela Espanha, conversem nas reuniões que acontecerão neste semestre para avaliar temas como o acordo sobre o Mercosul, investimentos europeus na região ou a necessidade de cooperar para evitar os piores traços do extrativismo.

Entre o momento em que concebemos esta revista e o momento de sua publicação, já foram convocadas eleições gerais na Espanha, das quais poderão emergir uma maioria parlamentar e um governo diferente. Nós nos perguntamos como essa eventualidade poderia afetar a Presidência espanhola do Conselho da UE. Mas, de imediato, percebemos que, além das mudanças políticas, restarão dois fatos transversais compartilhados por quase toda a população espanhola: o europeísmo e a percepção de que existe uma relação especial com a América Latina.

**“LLYC celebra que a obra diplomática espanhola assume a tarefa de fortalecer os laços como sua responsabilidade e contribuirá para tornar estas conexões mais criativas e sustentáveis. Os tempos mudaram. Precisamos de novas alianças”**

“O projeto de integração europeia é essencial para a Europa”, disse Moisés Naím na conversa que apresentaremos mais adiante. E “o potencial de uma América Latina integrada é enorme e suscita grandes esperanças até agora não realizadas”. É hora de afirmar as duas ideias: uma Europa unida e uma América Latina que desenvolve seu enorme potencial, e uma influência cada vez maior entre as duas. LLYC celebra que a obra diplomática espanhola assume esta tarefa como sua responsabilidade e contribuirá para tornar estas conexões mais criativas e sustentáveis, como tem feito historicamente. Os tempos mudaram. Precisamos de novas alianças. Isso também na área da comunicação.

# O MOMENTO da ESPANHA na EUROPA



**José Manuel Albares**

Ministro de Relações Exteriores, União Europeia e Cooperação da Espanha / Espanha

A Espanha assumiu a Presidência do Conselho da União Europeia em 1º de julho. Esse é um marco excepcional na política espanhola. Treze anos se passaram desde a última vez em que nosso país esteve à frente da União Europeia, e passará pelo menos o mesmo tempo até que isso aconteça novamente.

Nesta ocasião, o compromisso pró-europeu da sociedade espanhola é particularmente importante para dar um impulso à UE. Trazer para a Europa nossa capacidade de gerar consenso, nosso espírito de solidariedade e pluralismo, nossa vocação para encontrar soluções europeias para os grandes desafios de nosso tempo.

“Mais perto da Europa” será o lema de nossa Presidência. Mais próxima dos europeus e mais comprometida com seu bem-estar e prosperidade, em um momento em que a agressão da Rússia na Ucrânia exige que a União dê o melhor de si como modelo político para o futuro.

Esse compromisso com uma Europa mais próxima assumirá a forma de quatro linhas principais de ação.

A primeira será a promoção de uma reindustrialização da Europa, buscando maior competitividade para nossas empresas e garantindo que a indústria europeia consolide sua posição na vanguarda das principais tendências de mudança tecnológica. Para isso, é necessário consolidar uma estrutura que

**“O compromisso pró-europeu da sociedade espanhola é particularmente importante para dar um impulso à UE. Trazer para a Europa nossa vocação de encontrar soluções europeias para os grandes desafios de nosso tempo”**

favoreça a inovação e que, por sua vez, leve à criação de empregos de qualidade. Tudo isso ao mesmo tempo em que se busca reduzir as vulnerabilidades da União em setores-chave.

O segundo eixo será o impulso à transição verde e o compromisso com a luta contra as mudanças climáticas. Uma transição verde que deve ser justa, garantindo que os benefícios sejam compartilhados e que não afete os grupos mais vulneráveis. Um elemento essencial desse objetivo será acelerar a implantação de energias renováveis como forma de reduzir a dependência energética, bem como concluir a melhoria do mercado de eletricidade para garantir preços acessíveis de eletricidade para os europeus, mesmo em tempos de crise.

A terceira linha será a de uma Europa social. Trabalharemos para alcançar uma economia

**“A unidade europeia diante dos desafios internacionais deve nos levar a nos envolver ainda mais com nossos parceiros prioritários e com aqueles com quem compartilhamos valores, como a América Latina”**

social e fortalecer o Estado de Bem-Estar Social europeu, prestando atenção às práticas que visam a corrompê-lo, como a evasão fiscal, bem como para fornecer aos Estados regras fiscais que lhes permitam combinar o financiamento de políticas sociais com o equilíbrio fiscal. Também defenderemos a igualdade de tratamento e a inclusão de grupos vulneráveis, bem como a luta contra as lacunas que surgiram recentemente em nosso modelo social, especialmente o desafio demográfico.

O quarto eixo será o compromisso com a unidade europeia em face dos desafios internacionais. A agressão da Rússia contra a Ucrânia exige um compromisso contínuo com a unidade em apoio ao povo ucraniano e com a salvaguarda da ordem internacional de paz e regras que nos permitiu prosperar por décadas. Isso deve nos levar a nos envolver ainda mais com nossos parceiros prioritários e com aqueles com quem compartilhamos valores, como a América Latina.

A Presidência espanhola buscará promover essas prioridades com base na convicção de ser um projeto de país. Fiéis a essa convicção, trabalhamos nos últimos anos para preparar uma Presidência que envolva todos: o Estado, as Comunidades Autônomas e as Autoridades Locais, o Parlamento espanhol e a sociedade civil.

Em janeiro de 2022, foi criado o Comitê Organizador da Presidência, que se reuniu sete vezes para coordenar o trabalho dos ministérios em nível político.

Paralelamente, trabalhamos com todas as Comunidades Autônomas, tanto para receber suas prioridades quanto para coordenar todos os eventos da Presidência a serem realizados no território nacional, incluindo as 22 reuniões ministeriais informais a serem realizadas em todas as Comunidades Autônomas da Espanha. Queremos levar a Europa para toda a Espanha, para aproximá-la do povo espanhol.

Também trabalhamos lado a lado com todas as forças políticas que quiseram colaborar com esse exercício. Por esse motivo, promovemos a criação de um comitê de monitoramento da Presidência dentro da Comissão Mista da UE do Congresso e do Senado.

Ao mesmo tempo, com o objetivo de canalizar diretamente as sensibilidades da sociedade espanhola, apoiamos a criação de um Fórum da Sociedade Civil e de um grupo de reflexão com especialistas em questões europeias. Seus debates contribuirão para nosso trabalho em questões fundamentais para nossos cidadãos.

A Presidência é um momento especial para a Espanha na Europa. Assumimos a responsabilidade da Presidência sabendo que nossos sucessos serão os sucessos de todos e que os olhos da Europa estarão voltados para a Espanha nos próximos seis meses. A Europa sabe que pode contar com a Espanha.

# QUATRO ROTAS para um RELACIONAMENTO ESTRATÉGICO



**Andrés Allamand**

Secretário-Geral Ibero-Americano / Chile

O ano de 2023 será essencial para relançar as relações entre a União Europeia e a América Latina. A Presidência espanhola do Conselho da UE, a necessidade de acelerar os processos de transição energética e da luta contra as mudanças climáticas, assim como a busca por parceiros de confiança na defesa da democracia, dos direitos humanos e dos princípios contidos na Carta das Nações Unidas são fatores que devem promover a aproximação entre estas duas regiões.

Nestas situações, o principal desafio é identificar uma maneira de aproveitar os elementos conjunturais para lançar as bases de uma relação estratégica que continue para além do curto prazo. Este não é um desafio simples, nem tem uma única resposta. Porém, na rota para um relacionamento estratégico há quatro caminhos que não podem ser evitados, mesmo com os obstáculos que possam surgir em cada um.

O primeiro caminho é político. É preciso haver reuniões regulares entre as partes em qualquer relacionamento saudável. Os oito anos passados desde a última Cúpula UE-Celac são a prova e a causa da deterioração dos laços entre os dois blocos. A Cúpula que acontecerá em Julho é um sinal importante da vontade das duas partes de remediar esta situação. Mas não podemos nos contentar só com a realização de uma Cúpula, pois é fundamental ter uma agenda em comum que dê continuidade aos trabalhos e que permita projetar a relação

**“Já avançamos parte do caminho. Em nível ibero-americano, já foram alcançados acordos importantes em temas como digitalização, meio ambiente e segurança alimentar, que são essenciais para o desenvolvimento da região”**

para o futuro. Já avançamos parte do caminho porque, pelo menos no nível ibero-americano, acordos importantes já foram alcançados em temas como digitalização, meio ambiente e segurança alimentar, que são essenciais para o desenvolvimento da região e que podem muito bem servir como base para uma agenda birregional para o futuro e para a convergência estratégica.

O segundo caminho é comercial. Aqui também temos uma base importante para construir, já que a América Latina e o Caribe são as regiões com a rede mais densa de acordos formais com a União Europeia, sendo o terceiro maior parceiro comercial da região. O desafio nesta área, como apontou o Alto Representante Josep Borrell na Cúpula Ibero-Americana de Santo Domingo, consiste em mostrar que a relação comercial pode continuar sendo uma fonte de progresso e



que, por isso, é do interesse dos dois blocos promover os acordos pendentes.

O terceiro caminho é o da cooperação. A UE é o principal doador de ajuda oficial ao desenvolvimento na América Latina e do Caribe. Mas é importante avançar para uma cooperação mais flexível, que possa evoluir e adaptar-se aos novos desafios dos países da região e de continuar os acompanhando no seu caminho para o desenvolvimento. Fortalecer a participação europeia em iniciativas de cooperação triangular, incorporar novos participantes e expandir o escopo da cooperação, de modo a promover investimentos em áreas-chave para o desenvolvimento regional, como infraestrutura, digitalização e transição energética, são algumas das medidas que podem ser tomadas para solidificar o papel da cooperação na construção da relação estratégica birregional.

Por fim, o quarto caminho é o do investimento. Para superar os grandes desafios da região, é essencial retomar o crescimento, e para impulsionar o crescimento é preciso investimento. Hoje, a Europa é o maior investidor na América Latina e no Caribe. Seus investimentos na região superam a soma dos investimentos na Rússia, China, Índia e Japão. Entretanto, nos últimos anos, os fluxos têm diminuído. É de esperar que a nova agenda de investimentos que a Comissão Europeia venha a preparar no âmbito do Global Gateway, além de promover investimentos de qualidade, também sirva para incentivar a transferência de tecnologias e conhecimentos, afastando, assim, o espectro de um novo ciclo extrativista. Em todo o caso, para estas medidas terem sucesso, será fundamental o apoio, a confiança e o empenho dos empresários, que são chamados a demonstrar que fazem parte da solução e não do problema.

**“Hoje, a Europa é o maior investidor na América Latina e no Caribe. Seus investimentos na região superam a soma dos investimentos na Rússia, China, Índia e Japão. Entretanto, nos últimos anos, os fluxos têm diminuído”**

As condições estão na mesa para estabelecer uma relação profunda e duradoura entre a América Latina e o Caribe e a União Europeia. Estamos diante de uma grande oportunidade (e uma grande necessidade para as duas regiões) de relançar uma relação bilateral mais intensa, horizontal e com maior conteúdo. Portanto, nada justificaria e seria inexplicável não aproveitar ao máximo.

# De PARCEIROS NATURAIS a PARCEIROS PREFERENCIAIS



**Javier Niño Pérez**

Diretor Adjunto para as Américas no Serviço Europeu para a Ação Externa / Espanha

Este ano de 2023 marcará uma virada nas relações UE-América Latina e Caribe. Na dinâmica atual de inflexão geopolítica global, após os efeitos da pandemia e da guerra agressiva da Rússia contra a Ucrânia, todos tivemos que recalibrar nossa bússola estratégica. No caso da América Latina e do Caribe (ALC), felizmente e depois de muitos anos de uma certa inércia acomodada, isso nos levou a traçar um roteiro birregional acordado com os 33 membros da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), endossada pelos ministros das Relações Exteriores em outubro do ano passado em Buenos Aires e que culminará na Cúpula de chefes de Estado e de Governo UE-Celac nos dias 17 e 18 de julho em Bruxelas, a primeira desde 2015.

Como parte desses esforços no que chamamos de “O Caminho para 2023” (*The Road to 2023*), em 7 de junho, o Colégio de Comissários adotou a nova Comunicação Conjunta da Alta Representante e da Comissão ao Parlamento e ao Conselho, com a proposta de uma “Nova Agenda nas relações entre a UE e a ALC”. Nela, é proposta uma parceria estratégica moderna e mais forte, por meio de diálogo político fortalecido, estímulo ao comércio e investimento e promoção de sociedades mais sustentáveis, justas e interconectadas graças aos investimentos do Global Gateway.

Em um contexto de emergência climática, e quando grande parte do mundo ainda se re-

**“O que está em risco é o nosso modelo de vida, com base na democracia, nos direitos humanos, na prosperidade e no bem-estar por meio de um desenvolvimento sustentável e inclusivo”**

cupera dos efeitos devastadores da pandemia, as ondas de choque da guerra agressiva da Rússia contra a Ucrânia atingem a todos nós, pondo em risco a segurança alimentar, o comércio e o abastecimento energético em escala global. Sem esquecer a vontade de corroer os valores democráticos e a ordem internacional com base em normas e no respeito pela soberania dos Estados.

Uma análise que se limite a considerar esta ameaça como uma simples reorganização dos equilíbrios geopolíticos entre as potências mundiais não ajuda os mais de um bilhão de cidadãos da América Latina e Caribe e da União Europeia a terem plena consciência do que está em risco. O que está em risco é o nosso modelo de vida, com base na democracia, nos direitos humanos, na prosperidade e no bem-estar por meio de um desenvolvimento sustentável e inclusivo, e em uma ordem internacional, consagrada na Carta das Nações Unidas, fundada nas normas, na resolução pacífica de conflitos e no respeito pela soberania dos Estados.

Não é por acaso, nem pela primeira vez na nossa história recente, que as manifestações de desacordo político que afetam as sociedades democráticas dos dois lados do Atlântico acontecem em momentos de crise econômica, desigualdade social e incerteza geopolítica. Nem que alguns participantes dediquem esforços e recursos consideráveis para promover uma narrativa que mergulhe na crise da democracia, apresentando-a como modelo separado, bem cientes de que a vocação de universalização dos direitos humanos e dos valores democráticos é incompatível com sistemas totalitários.

O fortalecimento das relações UE-ALC não é só uma questão pendente com um aliado estratégico, e sim uma necessidade urgente da comunidade internacional para enfrentar com sucesso os três grandes desafios mundiais que marcarão o século XXI: as mudanças climáticas, a revolução tecnológica e a inclusão social.

É essencial estabelecer um contrato social mais justo e sustentável para defender a democracia e garantir a prosperidade dos nossos cidadãos no longo prazo, na base de uma transição ecológica e digital inclusiva, com justiça social, sem deixar ninguém para trás.

Costumamos dizer que as duas regiões são parecidas em valores, tradição e cultura, e que compartilham laços estreitos em todas as áreas. Isso é verdade, mas não é suficiente. Em um mundo onde um poder autocrático ameaça usar uma arma nuclear, não há muito espaço para romantismo ou complexos históricos. A nossa associação está estabelecida em bases sólidas e complementares, em interesses simultâneos, desafios comuns e oportunidades compartilhadas. A UE é o terceiro destino das exportações latino-americanas e a primeira investidora

**“Costumamos dizer que as duas regiões são parecidas em valores, tradição e cultura, e que compartilham laços estreitos em todas as áreas. Isso é verdade, mas não é suficiente”**

na região. Temos uma das redes de acordos políticos e comerciais mais densas com 31 países da região. A UE é também a maior contribuinte para a ajuda ao desenvolvimento na região.

Esta é uma potência ambiental global, que abriga mais da metade da biodiversidade do planeta e gera energia renovável que compõe 33 % da oferta de energia, em relação a somente 13 % da média mundial. Nossos parceiros querem aproveitar as novas transições para industrializar setores importantes e agregar valor à sua capacidade produtiva. A ALC quer crescer, mas com mais igualdade e sustentabilidade. Por sua vez, a UE tem capacidade tecnológica e de investimento, e também precisa de alianças com parceiros confiáveis para diversificar suas cadeias de suprimentos.

A autonomia e capacidade de influência em um mundo multipolar é reforçada pela geometria variável das alianças com parceiros estratégicos. Nossa parceria com a América Latina e o Caribe também deve ser mais estratégica no espaço multilateral e de segurança. Também concordamos que há uma necessidade urgente de reformar a arquitetura do sistema multilateral e de segurança internacional, superando a lógica ultrapassada de “vencedores e perdedores” de oitenta anos atrás, para torná-la mais

**“Os grandes desafios globais que enfrentamos não podem ser resolvidos em uma ou mais Cúpulas internacionais. É preciso que haja cooperação de todos os participantes da sociedade civil e do setor privado”**

inclusiva, justa e democrática e, portanto, eficaz. Resumindo, não se trata simplesmente de reconhecer que somos parceiros naturais, mas que temos de transformar a nossa parceria para nos tornarmos parceiros preferenciais. A importância que a UE e a ALC atribuem à justiça social, a uma transição ecológica e digital justa, nos destaca claramente de outras partes.

A Cúpula não é um fim, mas marcará um marco político, reunindo em Bruxelas os líderes de 60 Estados e da União Europeia para um diálogo franco e inclusivo que estabelecerá as bases de uma associação estratégica birregional renovada nos próximos anos, incluindo maior regularidade dos nossos diálogos políticos de alto nível, bem como o estabelecimento de um mecanismo de coordenação permanente.

É claro que os grandes desafios globais que enfrentamos não podem ser resolvidos em uma ou mais Cúpulas internacionais. É preciso que haja cooperação não somente entre governos e instituições, mas de todos os participantes da sociedade civil e do setor privado. Os mais de 230 milhões de jovens dos dois lados do Atlântico têm muito a dizer na formação desta comunidade transatlântica de cidadãos que contribui para construir um mundo mais justo, sustentável e seguro. É por isso que damos muita importância ao fórum da sociedade civil, juventude e governos locais e à mesa redonda de negócios, que acontecerá em Bruxelas nos dias anteriores à Cúpula.

O potencial é imenso, mas é preciso ter vontade política e mobilização cidadã para desenvolvê-lo com determinação. Temos o compromisso com uma parceria estratégica focada no ser humano para beneficiar nossos cidadãos dos dois lados do Atlântico.

# A **UNIÃO EUROPEIA** e a **AMÉRICA LATINA**: em **BUSCA** de uma **GOVERNANÇA COMPARTILHADA**



**Paloma Baena**

Diretora Sênior de Assuntos Europeus e Next Generation EU na LLYC Madri / Espanha



**Juan Pablo García-Berdoy**

Assessor Principal para Assuntos Europeus na LLYC / Espanha

Nos últimos anos, a integração europeia tentou, como prioridade, frear a deterioração da governança global, prejudicada pela perda de peso dos instrumentos multilaterais. Esse foi e continua sendo um esforço bastante melancólico e cheio de contradições. Primeiro, pela falta de resposta dos grandes blocos econômicos globais, os Estados Unidos e a China. Segundo, por uma certa inconsistência no discurso intra-europeu, fragmentado por interesses nacionais e setoriais que, em muitos casos, prevaleceram sobre o discurso global.

A verdade é que as atuais crises e as suas consequências, tanto políticas como econômicas, deixam claro que não podemos fazer este esforço de reconstrução da governança global sem a cumplicidade de outras regiões do planeta, que sofrem ainda mais do que a Europa com uma marginalização crescente face à concorrência entre grandes blocos.

Por outro lado, a história nos ensina que as vantagens que podem ser obtidas no curto prazo na administração dos ativos disponíveis (especialmente matérias-primas) em nada compensam a atribuição implícita a terceiros da defesa dos próprios interesses e o abandono do multilateralismo. O que se trata agora é recuperar uma voz, ou melhor, várias vozes (já que a América Latina é um continente rico e

**“Ousamos dizer que ninguém no planeta está mais próximo desses valores e interesses da América Latina do que a Europa, por mais que em alguns setores a competição possa parecer rivalidade”**

diverso) que por sua vez representam valores com os quais a Europa tem muito em comum. Ousamos dizer que ninguém no planeta está mais próximo desses valores e interesses da América Latina do que a Europa, por mais que em alguns setores a competição possa parecer rivalidade.

Agora, embora grande parte da América Latina e da Europa (não devemos sonhar com unanimidade, que não existe no mundo real) concorde com esta análise, a verdade é que estamos longe de remover as devidas consequências, não só a nível político, mas também a nível social e empresarial.

Vamos nos concentrar neste último aspecto, que é vital para dar massa crítica a governos e sociedades que querem uma reaproximação transatlântica real, concreta e tangível.



Há três aspectos que devem chamar a atenção à primeira vista neste diálogo entre participantes privados e autoridades públicas na América Latina e na Europa.

A primeira é saber quais são as possibilidades de colaboração público/privada que trarão uma melhor resposta, seja por meio de canais de financiamento estabelecidos, acesso preferencial a mercados ou uma sólida busca por sinergias nas cadeias produtivas ou de consumo. Não se trata somente de uma análise da situação, mas também prospectiva, considerando as prioridades atuais e futuras do espaço euro-latino-americano.

O segundo é elaborar estratégias para implementar projetos empresariais específicos em que os respectivos participantes privados contribuam para tornar credível o compromisso da União Europeia e da América Latina em criar um espaço compartilhado, seja no domínio ambiental, digital ou do desenvolvimento sustentável. O objetivo é basear os conceitos mais gerais em um exercício de apropriação das políticas concordadas entre a UE e a América Latina, completando o que as autoridades públicas ou as instituições financeiras internacionais declaram em termos mais gerais.

Por último, e como consequência do anterior, fortalecer e promover o diálogo entre um lado e o outro do Atlântico. O setor empresarial latino-americano e o europeu radicado na América Latina devem participar de forma ativa desse diálogo público/privado, contribuindo com sua experiência na administração e no desenvolvimento da atividade econômica. A condição necessária para isso acontecer é um conhecimento profundo das instituições públicas envolvidas e seus mecanismos de funcionamento.

A análise da política europeia na América Latina durante a presidência espanhola do Conselho é uma oportunidade de rever a intervenção do setor privado na concepção e execução desta

nova fase. Outros artigos desta revista abordam as principais linhas desta revisão, sua ambição e objetivos.

Na LLYC, aspiramos acompanhar o setor empresarial europeu e latino-americano nesta nova etapa em que a diplomacia corporativa pode desempenhar um papel fundamental na busca dessa governança compartilhada. O ponto de partida é o conhecimento profundo das duas realidades, latino-americana e europeia, o que é necessário para proporcionar um verdadeiro valor agregado à relação entre as duas regiões.

Nossa área de Assuntos Europeus (LLYC European Affairs) tem como um de seus objetivos contribuir para a aproximação, entendimento e comunicação entre América Latina e Europa. Tudo isso com o objetivo de afetar positivamente a economia, orientado para setores futuros e ancorado em nossos valores e interesses comuns.

Por outro lado, a presença direta da LLYC na América Latina com 12 escritórios em 10 países da Região, nos quais atuamos nas esferas pública e privada, nos permite conhecer em primeira mão a realidade dos países e aproximá-la ao ambiente europeu.

Estamos diante de uma oportunidade extraordinária de lançar um verdadeiro processo de administração conjunta de desafios compartilhados, compartilhar nossas capacidades para fortalecer a governança global e solidificar o setor empresarial e para poder participar das mudanças estruturais que já estão ocorrendo e que transformarão profundamente nossas sociedades.

Contando com nosso conhecimento institucional e nossa capilaridade na América Latina, temos compromisso com esse renovado impulso de governança compartilhada na qual o setor privado tem um papel essencial.

# Uma **ALIANÇA DIGITAL LATAM-UE** para **FORTALECER** a **CONECTIVIDADE** e a **INCLUSÃO**



**Alicia Richart**

Diretora-Geral da Afiniti para Espanha e Portugal / Espanha

A estas alturas, ninguém duvida que a distribuição do poder global acontecerá no cenário digital. Estamos em uma nova era, onde o carvão e o aço foram ou estão sendo deixados para trás, e é o controle de redes, dados e infraestrutura que determinará quem são os participantes mais poderosos da Terra. A Revolução Industrial está oficialmente morta.

Neste novo cenário, dois grandes blocos competem para liderar as diferentes tecnologias que marcarão nosso futuro. A China lidera em 5G, drones comerciais ou baterias para carros elétricos, enquanto os Estados Unidos levam vantagem na biologia sintética, indústria biofarmacêutica, energia de fusão ou computação quântica.

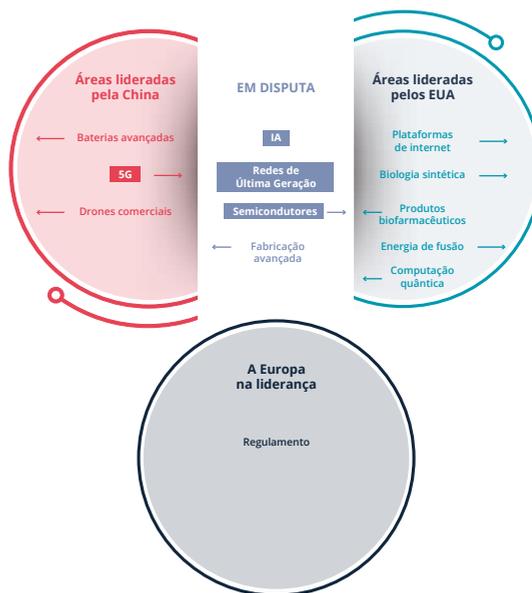
A tecnologia que pode ser mais decisiva no futuro, a inteligência artificial, ainda está em território de disputa, bem como os semicondutores ou as redes de última geração. Ainda não há um vencedor claro, embora isso sempre dependa de qual relatório é consultado. O relatório emitido pelo Instituto de Política Estratégica Australiano (ASPI) em março inclina a balança muito mais para a China. Segundo a análise, o país asiático está em 37 das 44 tecnologias críticas e emergentes do momento.

Seja como for, todos concordam quando avaliam a função da Europa na revolução digital. Mínima, mas não inexistente. A UE lidera sem oposição no campo da regulamentação digital. Somos o espelho para o

**“A UE lidera sem oposição no campo da regulamentação digital. Somos o espelho para o mundo em preservar direitos e liberdades que teremos neste novo cenário”**

**A liderança em tecnologias essenciais é cada vez mais disputada**

Este gráfico resume o estudo realizado pela Special Competitive Studies Project (SCSP) sobre o estado atual da competição entre Estados Unidos e China pela liderança em áreas tecnológicas específicas e a tendência esperada até 2025.



As setas indicam a direção da tendência (até 2025)  
Fonte: Special Competitive Studies Project (SCSP)

mundo em preservar direitos e liberdades que teremos neste novo cenário em que já estamos imersos.

Pode parecer um problema menor quando você olha para o gráfico que, como todos sabem, vale mais que mil palavras, mas não é absoluto. Liderar em uma área transversal e estratégica pode dar à União Europeia uma vantagem competitiva para que expanda seu modelo para além de suas fronteiras, especialmente na América Latina.

Estes países tendem a privilegiar a digitalização com base em direitos que protegem princípios e valores democráticos, inclinando-se para o modelo europeu de desenvolvimento e regulamentação tecnológica. Em outras palavras: esses países estão socialmente mais próximos do modo de pensar e agir dos europeus do que dos países de outras partes do mundo.

E isso é uma vantagem competitiva em um cenário em que a ética se torna cada vez mais relevante, principalmente diante do temor que o surgimento da inteligência artificial generativa desperta em muitos. O ChatGPT disparou alarmes globais ao ser desenvolvido em tempo recorde e sem controles legais. Isso é algo que assusta muita gente.

Regular as ferramentas de inteligência artificial sem frear seu desenvolvimento ao mesmo tempo é um desafio legislativo universal. Mas enquanto a China e os EUA olham para o outro lado em sua batalha tecnológica, Bruxelas não hesita em buscar uma legislação ética que proteja os cidadãos.

E essa atitude se conecta com a de muitos países da América Latina, que estão aplicando leis inspiradas no Regulamento de Proteção de Dados da UE (RGPD) de 2016. Além disso, muitos estados da região são pioneiros

**“ Se a ética já é importante em qualquer atividade humana, sua importância disparou nos últimos meses com o surgimento de tecnologias que nem todos entendem ”**

em outras áreas de direitos digitais e líderes em desenvolver inteligência artificial ética e responsável.

### IMPORTÂNCIA DA ÉTICA

Se a ética já é importante em qualquer atividade humana, sua importância disparou nos últimos meses com o surgimento de tecnologias que nem todos entendem. Em seu discurso de entrada na Real Academia de la Lengua, a professora de Inteligência Artificial Asunción Pérez-Gómez alertou que esta tecnologia “pode ultrapassar as fronteiras do que é ético e legalmente aceitável” e pediu que seja aprovada uma norma europeia sobre inteligência artificial.

Existe vontade política para isso. E este é o principal argumento para tornar a União Europeia atraente que não lidere em tecnologia ou pesquisa, mas lidere em valores e princípios e, portanto, em regulamentação. A aliança com a América Latina, território com o qual compartilha valores e visões, é praticamente inevitável.

Por isso, em março passado foi lançada a Aliança Digital União Europeia-América Latina e Caribe, uma iniciativa conjunta para defender uma transformação digital focada no ser humano. Essa aliança tem como base uma contribuição inicial de 145 milhões de euros da Equipe Europeia, dos quais 50 milhões,

**“Fortalecer os laços da UE com a América Latina sempre foi urgente, mas em um cenário digital marcado pela competitividade extrema torna-se ainda mais urgente”**

provenientes do orçamento da UE, destinados a promover a cooperação digital entre as duas regiões.

O objetivo da Aliança é promover o desenvolvimento de infraestruturas digitais seguras e resilientes baseadas em uma estrutura de valores, garantindo um ambiente democrático e transparente e dando ênfase especial à privacidade e aos direitos digitais.

Entretanto, esta ótima iniciativa pode não ser suficiente. A exclusão digital nesta região é a maior do mundo, e eliminá-la será preciso que haja uma colaboração de longo prazo que seja promovida pela Presidência espanhola da União Europeia. Muitos Estados-Membros ainda não sabem da importância estratégica da América Latina, região na qual a China multiplicou seus investimentos nos últimos anos.

Para isso, é essencial criar uma estratégia global na região que inclua instrumentos diplomáticos, econômicos e de segurança. Os principais objetivos deste exercício deveriam garantir que os países latino-americanos, com graves necessidades de conectividade e brechas digitais, possam receber financiamento do Global Gateway.

Fortalecer os laços da UE com a América Latina sempre foi urgente, mas em um cenário digital marcado pela competitividade extrema torna-se ainda mais urgente. Especialmente quando o objetivo da aliança, além de melhorar a conectividade, é garantir a inclusão por meio de uma área (a legislação) na qual a Europa é líder mundial. Está na hora de aproveitar isso.

# AMÉRICA LATINA-UNIÃO EUROPEIA: quando a **CONTINUIDADE** é a **CHAVE** da **AGENDA**



**Juan Carlos Gozzer**

Sócio e CEO para a América Latina da LLYC / Brasil

Apesar da relação histórica e estreita entre a América Latina e o Caribe e a União Europeia, as situações distintas dos últimos anos nos dois lados provocaram mudanças no ritmo e na velocidade do diálogo birregional. O impacto foi muitas vezes negativo nos últimos anos no avanço de acordos essenciais. O contexto atual, mesmo com as complexidades econômicas, oferece uma nova oportunidade de consolidar um processo de continuidade e, espera-se, duradouro.

Recentemente, Félix Fernández-Shaw, diretor da América Latina e Caribe na Diretoria Geral de Associações Internacionais da Comissão Europeia, qualificou as duas regiões como “as mais compatíveis do planeta”, tanto pela proximidade cultural quanto pela semelhança dos desafios que enfrentam.

Não há dúvida de que essa compatibilidade existe e é muito valorizada nos dois lados do Atlântico. Mas não basta serem parecidas para que os relacionamentos deem certo. O maior desafio é que as duas regiões se vejam como protagonistas de suas agendas, não somente em conjunturas políticas internas. A América Latina e a União Europeia devem manter um diálogo estrutural privilegiado e não conjuntural. Embora em um cenário tão mutante (e muitas vezes oscilante) como o latino-americano, este é um objetivo complexo.

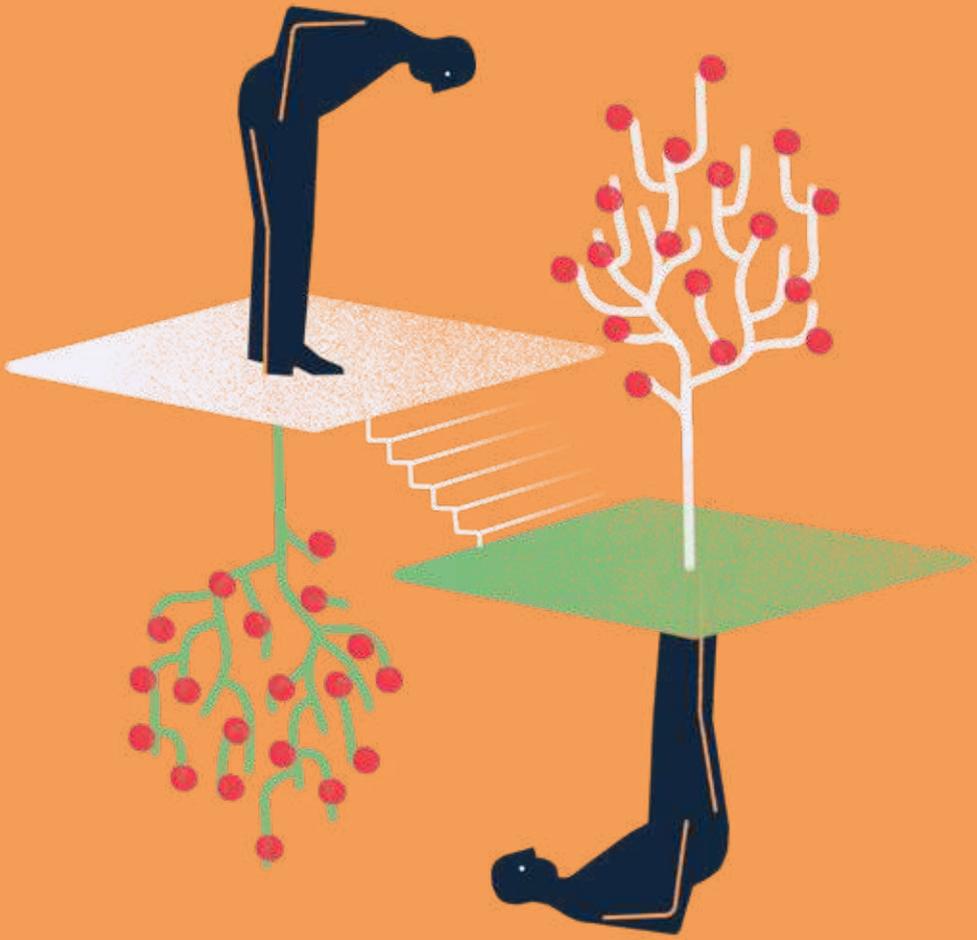
Nesse sentido, a Cúpula deste ano dos países da União Europeia (UE) e da Comunidade de

**“O acordo de livre comércio entre a UE e o Mercosul é o foco dessa agenda de relançamento, ao lado dos acordos como os que a UE abriu com o Chile e o México”**

Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), depois de oito anos de pausa (sem contar o encontro virtual de 2021), esta deve ser a nova oportunidade de reabrir esse diálogo com base em iniciativas e movimentos de longo prazo.

Do ponto de vista de ações concretas, não há dúvida de que o acordo de livre comércio entre a UE e o Mercosul é o foco dessa agenda de relançamento, ao lado dos acordos como os que a UE abriu com o Chile e o México, entre outros. Sem continuidade e esforço conjunto, é evidente que será muito difícil chegar a um acordo que, como o da UE com o Mercosul, por exemplo, vem sendo trabalhado há mais de 20 anos.

Essa harmonia de longo prazo também será essencial para enfrentar os desafios comuns do meio ambiente. Foi dado um passo importante na última Cúpula ibero-americana em Santo Domingo, com a assinatura da Carta Ambiental Ibero-americana.



Este roteiro poderia ser um marco futuro para as relações América Latina e Caribe-UE, mas como um compromisso que se traduza em ações e regulamentações ambientais que sejam implementadas. Mais adiante, ocorrerá a trigésima Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30) em Belém do Pará (Brasil) em 2025. Uma conferência que deve servir de marco para que as duas regiões valorizem o avanço de seus esforços conjuntos em questões relevantes como as iniciativas de transição energética e outras ligadas às prioridades de segurança alimentar.

Outro desafio dessa agenda birregional é a digitalização na América Latina e no Caribe, na qual a UE tem uma função essencial como aliada nessa transformação. A Aliança Digital União Europeia-América Latina e Caribe, lançada em março passado em Bogotá, reforçou o compromisso conjunto de consolidar uma sociedade com informação baseada nas pessoas. Compromisso, também, em que a cooperação público/privado dos dois lados do Atlântico abre inúmeras oportunidades em infraestrutura, acesso e redução da brecha digital na América Latina e no Caribe.

Sem dúvida, este esforço comum na digitalização traz o desafio da desinformação, dos conteúdos digitais, da regulamentação (ou não) das redes e de toda o âmbito questões sociais que são fundamentais neste diálogo birregional: migração, diversidade e, em última instância, toda a agenda de proteção e promoção dos direitos humanos.

Estas, e muitas outras questões na agenda, realçam a necessidade de uma contínua cooperação privilegiada. Essa cooperação deve ser baseada na comunicação fluida e na compreensão do outro.

**“Este esforço comum traz o desafio da desinformação, dos conteúdos digitais, da regulamentação das redes e de toda o âmbito questões sociais que são fundamentais neste diálogo birregional”**

São prioridades sobre as quais não tratar com transitoriedade ou estabelecer marcos periódicos de relançamento ou retomada. Este movimento é e deve ser constante para nos levar para a mesma direção que todos na América Latina e Caribe e na União Europeia querem ir. E não podemos, nem devemos, desistir.

# ENQUADRAR o CÍRCULO de TRANSIÇÕES VERDES e ENERGÉTICAS



**Cristina Manzano**

Diretora de *esglobal* e de IE Insights / Espanha

Quando Olaf Scholz visitou o Brasil em janeiro de 2023, ele anunciou uma doação de mais de 200 milhões de euros para proteger a Amazônia. Ele foi o primeiro líder estrangeiro que o presidente Lula da Silva recebeu após sua reeleição, e uma parte importante do encontro foi dedicada ao meio ambiente. “É uma boa notícia para o planeta que Lula está empenhado a combater as mudanças climáticas e a destruição da floresta tropical”, disse a chanceler alemã. Claro. Mas, como se sabe, as duas tarefas são imensas e exigem a colaboração, coordenação e empenho de todos para poder realizá-las.

É comum lembrar o papel da América Latina e Caribe (ALC) no combate às mudanças climáticas e a transição verde, além do fato de que a Amazônia é o pulmão do mundo e sua enorme biodiversidade. Somente alguns números: abriga 33 % das terras cultiváveis do planeta, tem 25 % das florestas tropicais, 52 % das reservas de cobre, um terço da água potável, 20 % da capacidade hidrelétrica e 40 % das terras raras.

Por outro lado, a região é responsável por apenas 8 % das emissões globais de gases de efeito estufa, mas também é uma das mais vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas. O poder destrutivo dos furacões, secas, incêndios e inundações já custou o equivalente a 1 % do PIB em média regional e até 2 % em alguns países centro-americanos. Segundo um relatório do Banco Mundial, mais de 17 milhões de latino-americanos podem se tornar

**“A UE pode e deve contribuir com financiamento e apoio para aumentar a capacidade de adaptação, mitigação e resiliência dos países latino-americanos”**

deslocados climáticos até 2050. Essa também é a região mais perigosa para os defensores do meio ambiente.

É óbvio que a UE (cujas emissões, em um ambiente muito mais industrializado, também representam 8 % do total) pode e deve contribuir com financiamento e apoio para aumentar a capacidade de adaptação, mitigação e resiliência dos países latino-americanos.

E não é apenas a vontade de apoiar a transição para economias verdes e sustentáveis para atingir as metas estabelecidas pela agenda climática global. A Europa parece ter descoberto “de repente” que a ALC pode ser um parceiro relevante para garantir as transições energéticas e digitais em que apostou seu futuro.

Esse processo está sendo marcado por dois fatores fundamentais. Por um lado, a guerra na Ucrânia obrigou a reduzir ao mínimo a dependência energética na Rússia e acelerou bastante a conversão energética dos países da UE. Por outro lado, e em meio à crescente rivalidade entre os Estados Unidos e a Chi-

na, a Europa declarou a intenção de lançar um processo daquilo que o presidente da Comissão Europeia chamou *de-risking*. Esse termo refere-se à necessidade de reduzir as vulnerabilidades causadas pela dependência de matérias-primas críticas do país asiático. Até 98 % no caso de terras raras.

Outro exemplo paradigmático é o lítio, o metal que alimenta baterias de longa duração, tanto de telefones quanto de computadores ou qualquer outro dispositivo eletrônico, inclusive de veículos elétricos, e que serve para armazenar a energia produzida por painéis solares e turbinas eólicas. O grande desafio das renováveis. O chamado “triângulo do lítio”, Chile, Argentina e Bolívia, abriga cerca de 60 % das reservas mundiais. No papel, uma grande oportunidade; na prática, traz todos os tipos de desafios relacionados ao controle dos recursos, contra “predadores” estrangeiros, com métodos de extração, mais ou menos respeitosos ao meio ambiente e aos direitos das populações indígenas, ou com o modelo produtivo e de desenvolvimento desejado, um modelo que pode deixar para trás os padrões extrativistas tradicionais e gerar valor agregado autêntico.

Essa preocupação com uma transição justa, com olhar para o seu impacto sobre as mulheres e as populações locais, especialmente indígenas, em busca da inclusão e da equidade, que proteja o bem-estar dos trabalhadores e que também resgate saberes e tradições ancestrais está presente em todos os documentos e iniciativas que, na relação birregional, abordam as transições verde e energética.

Entre as mais recentes, destacam-se a Carta Ambiental Ibero-Americana, aprovada na Cúpula Ibero-Americana de Santo Domingo, em março de 2023, e a Nova Agenda para as Relações entre a UE e a América Latina e o Caribe, a comunicação conjunta da Comis-

são Europeia e do Alto Representante para a Política Externa dirigida ao Parlamento e ao Conselho Europeu no dia 7 de junho. No horizonte próximo, a Cúpula UE-Celac acontecerá no âmbito da Presidência espanhola do Conselho da UE. “Hoje, a parceria estratégica UE-ALC é mais importante do que nunca. Somos aliados fundamentais em fortalecer a ordem internacional com base em regras e juntos defendemos a democracia, os direitos humanos e a paz e segurança internacional. Também temos interesse em fortalecer nossa cooperação e diálogo político, combatendo as mudanças climáticas e promovendo uma transformação digital inclusiva e focada no ser humano. Nosso programa Global Gateway Mundial também impulsionará investimentos e uma cooperação mais estreita”, afirmou Ursula Von der Leyen em sua apresentação.

Na realidade, muita ênfase está sendo dada ao Global Gateway, o programa de apoio ao investimento em infraestrutura que busca competir, de alguma forma, com a Iniciativa do Cinturão e Rota da China (conhecida como a nova Rota da Seda), embora com recursos bem menores. Os desejos europeus de cooperar também esbarram na complexidade dos instrumentos financeiros adequados, mas aqui a vontade política pode e deve prevalecer sobre as questões técnicas.

O relançamento das relações entre as duas regiões tem nas transições ecológicas e energéticas uma excelente área de testes para a quadratura do círculo que permite transformar as intenções em realidades, como parceiros igualmente comprometidos com o futuro das suas sociedades e do planeta. Esta é uma oportunidade que não deve ser desperdiçada.

# ○ POTENCIAL INFINITO do CORPORATE VENTURE CAPITAL na AMÉRICA LATINA



**Adolfo Vinatea**

CEO da Krealo, o *corporate venture capital* do Grupo Credicorp / Peru

Globalmente, a colaboração entre *startups* e corporações deixou de ser uma estratégia emergente e se tornou uma realidade consolidada. É assim que o *corporate venture capital* (CVC, na sigla em inglês) vem ganhando espaço no mercado. Essa modalidade de *venture capital*, em que uma corporação cria uma equipe dedicada a investir em *startups* externas em fase de crescimento, permite ampliar o ecossistema de inovação e tornar as empresas ainda mais competitivas. As CVCs compartilham seu capital, sua experiência e sua solidez; e *startups*, sua agilidade, seu talento e suas soluções inovadoras. Assim, o benefício é mútuo.

Nos últimos anos, a América Latina, sabendo do potencial desse modelo, tem feito esforços para implementá-lo. Segundo o “State of CVC 2022 Report” da CB Insights, 2022 fechou com queda nos investimentos em *startups* e/ou *fintechs*. Porém, globalmente, segundo o PitchBook, o número de transações em que os CVCs participaram em 2022 cresceu para 22,4 bilhões de dólares americanos, o que representou um aumento claro em relação a 2021, quando o valor foi de 17,6 bilhões.

É fundamental compreender os benefícios que o CVC oferece para promover o seu crescimento. Além de possibilitar o acesso a novos mercados, isso permite adquirir dinamismo, criatividade e força, identificar novas tendências e atrair novos clientes, o que dá uma nova perspectiva à grande empresa. O acesso a novas tecnologias e modelos de negócio inovadores que podem se concreti-

**“É fundamental compreender os benefícios que o CVC oferece para promover o seu crescimento. Além de possibilitar o acesso a novos mercados, isso permite adquirir dinamismo, criatividade e força e identificar novas tendências e atrair novos clientes”**

zar permite também promover o talento e o empreendedorismo, criando novas formas de administração empresarial em que “todos saem ganhando” e criando um ecossistema de inovação cada vez mais relevante.

O relatório “Corporate Venture Capital e seu impacto na Latam”, elaborado pela *MIT Technology Review* com o apoio de 32 grandes empresas da região, revela que 90 % delas têm interesse em aportar capital em empreendimentos tecnológicos, mas ainda enfrentam uma série de desafios para transformar essa intenção em realidade.

Alguns dos principais obstáculos são a falta de uma cultura na empresa, marcada por uma dinâmica tradicional, que favoreça o CVC, bem como a falta de um ambiente colaborativo, mentalidade digital e capacitação na área. Além disso, fatores externos inter-

ferem, como a ausência de regulamentação tecnológica e fiscal, o que torna a cada dia mais urgente a institucionalização e o credenciamento do setor.

Nesse sentido, as organizações da região sabem da necessidade de adotar ações de melhoria para continuar promovendo o ecossistema *fintech*. Para isso, levar casos de sucesso de CVC em países desenvolvidos pode funcionar como referência para construir um modelo eficaz na América Latina.

Por exemplo, o mercado europeu tem passado por uma tendência crescente de atividades de *corporate venturing*, das quais o CVC faz parte. Foram testados modelos com colaboração abrangente e a aplicação de diversas estratégias de investimento: investimentos diretos de capital, parcerias estratégicas, *joint ventures* e, nos últimos anos, aquisições.

Prova disso é a Wayra Hispam, o braço de inovação aberta da Telefónica na América Latina, que há mais de doze anos foi pioneira na implantação da CVC na região e hoje continua ativa, se reinventando e buscando novas oportunidades, e que em 2022 fez um investimento global de mais de 6 milhões de dólares em 40 *startups* de diversas áreas.

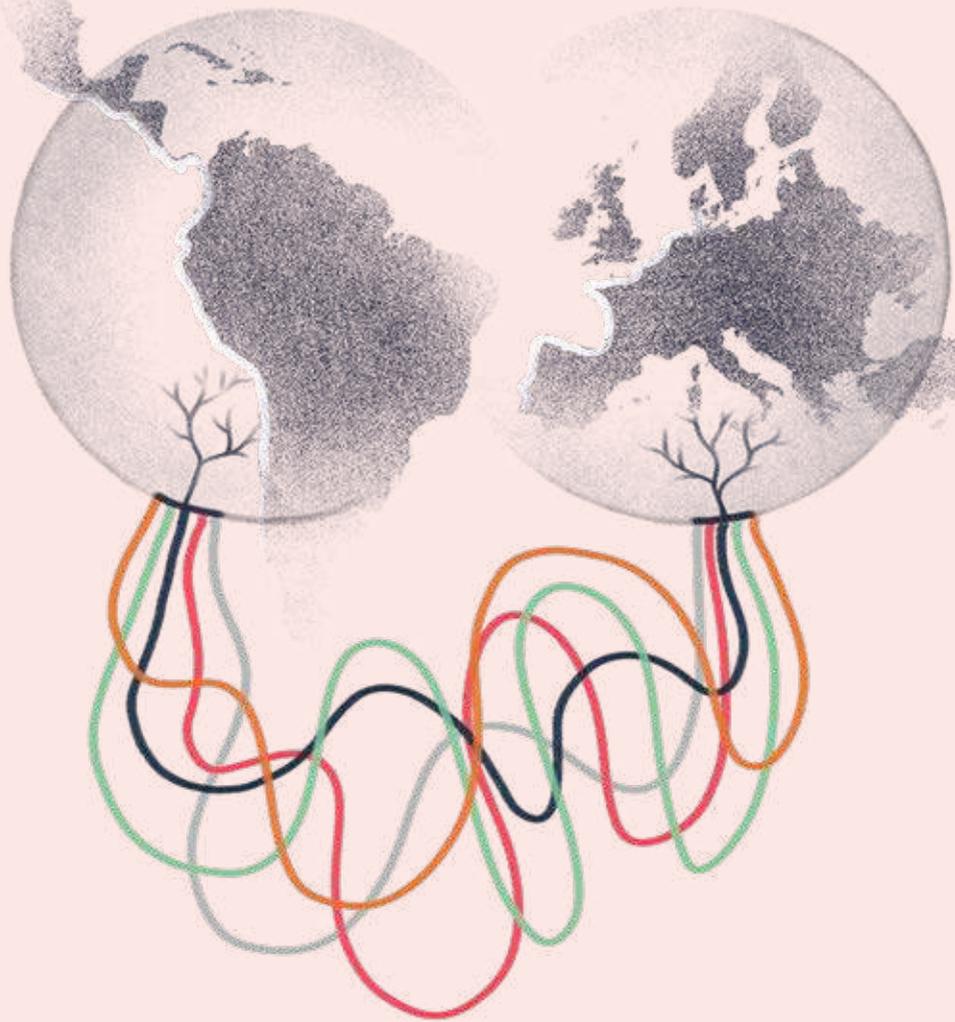
Desta forma, mercados como o europeu são uma grande referência no caminho que a América Latina ainda tem que percorrer. E é para lá que devemos ir. Com a próxima Presidência espanhola do Conselho da União Europeia no segundo semestre deste ano, surge a oportunidade, do ponto de vista da cooperação, de estreitar as relações com a nossa região, encarando-a como uma possibilidade de crescimento econômico e investimento conjuntos e fortalecimento de sistemas tecnológicos e de inovação nos quais, sem dúvida, o CVC deve ter um papel de protagonista.

**“O *corporate venture capital* pode ser uma importante fonte de financiamento para empresários da região, com todos os benefícios sociais e econômicos que isso acarreta”**

Resumindo, o *corporate venture capital* deixou de ser um futuro potencial para se tornar um presente cada vez mais evidente. E as empresas que não o implementarem correm o risco de ficar para trás. A América Latina tem potencial, mas ainda há um longo caminho a percorrer para criar soluções inovadoras que melhorem a vida dos cidadãos por meio desse modelo. Da mesma forma, o CVC pode ser uma importante fonte de financiamento para empresários da região, com todos os benefícios sociais e econômicos que isso acarreta.

Na Krealo, o *corporate venture capital* do Grupo Credicorp, temos isso claro. Assim, já identificamos, avaliamos e investimos em *fintechs* ou *startups* da região andina que incluam serviços financeiros em suas operações, o que se traduz em um mercado de mais de 100 milhões de pessoas entre Peru, Chile e Colômbia. Também buscamos fomentar o ecossistema *fintech* e transformar os serviços financeiros da região.

Com as ferramentas certas e um esforço conjunto, é possível dar o salto e tornar a colaboração uma realidade consolidada também em nossa região.



# UNO + 1 ENTREVISTA

José Antonio Llorente  
conversa com Moisés Naím



**Moisés Naím**

Analista e escritor de economia e política internacional / Venezuela

**Moisés Naím (Trípoli, 1952) é um dos mais importantes intelectuais da América Latina. Como servidor público, foi ministro da Indústria e Comércio da Venezuela e diretor executivo do Banco Mundial. Como jornalista, dirigiu a influente revista *Foreign Policy*, escreve regularmente para jornais como *El País* e dirige o programa semanal de televisão *Efecto Naím*, transmitido em vários canais da América Latina e dos Estados Unidos. Como autor, ele publicou dois livros importantes recentemente: *O Fim do Poder* e *A Vingança dos Poderosos*, os dois publicados pela editora Debate, em que dissecam com lucidez os principais desafios econômicos, políticos e de valores do mundo no século XXI, como o populismo, a crise da globalização e o surgimento de novas potências.**

**P. Como você vê a América Latina?**

**R.** Fragmentada, confusa, lenta. Com alguns pontos de esperança, como o Uruguai, a República Dominicana ou o fenômeno que será a Guiana, com as descobertas de petróleo e gás. Mas, em geral, os três grandes países da região, Brasil, México e Argentina, estão muito emaranhados e muito complicados. E é uma pena, porque podemos estar perante uma oportunidade perdida muito importante.

**P. E como vê a conexão entre a Europa e a América Latina?**

**R.** Há décadas eu escuto que os valores comuns da América Latina e da Península Ibérica condenam esses países a trabalharem juntos, a se integrarem, a se coordenarem. Mas não é bem assim. Existem barreiras invisíveis, e outras bem visíveis, como o protecionismo agrícola, por exemplo, que fazem com que o destino conjunto da América Latina e da Europa fique mais nos discursos, desejos e papo-furado do que nas práticas cotidianas de quem toma as decisões.

**P. A Espanha e Portugal já têm um importante vínculo e conexão com a América Latina. Mas agora, com a invasão russa da Ucrânia, parece que na Alemanha, França e Itália, até mesmo na Europa Oriental, há um ressurgimento do interesse em ter uma relação semelhante de mão dupla. A América Latina tem recursos e matérias-primas. E também, em questão de cultura ou religião, há sintonias difíceis de encontrar em outras partes do mundo.**

**R.** Essa é a lista. Mas por muito tempo ouvimos “agora sim, desta vez vai ser diferente”. Que agora há vontade, há apetite de coordenar e sincronizar, de fazer alianças profundas entre a América Latina e a Europa. E é muito importante que quem está pensando nisso comece por entender que há um ceticismo muito jus-

tificado, muito grande sobre a capacidade de coordenar esses dois blocos. Cada um deles tem problemas domésticos bem intensos. A integração desses países não é instantânea e traz custos imediatos. Além disso, há grupos de interesse e grupos empresariais que com certeza não dão as boas-vindas à entrada da Europa na América Latina, porque não podem enfrentar a concorrência.

**P. Recentemente o presidente colombiano Gustavo Petro esteve em Madri, e ele reclamou da tendência europeia de ir explorar os recursos naturais da América Latina, fato histórico, mas que se mantém nas décadas passadas e no presente. Porém, a China, que ocupa um lugar cada vez mais de destaque na América Latina, também não parece ter outros interesses: a extração e uso de recursos naturais para seus próprios fins. E nós, europeus, vemos que, na América Latina, a China costuma ser vista com melhores olhos do que a Europa.**

**R.** Tudo isso é verdade. É como dizem. No momento, estamos vendo na América Latina a presença de mais potências estrangeiras que antes não tinham tanto peso. É o caso da China, que há muito tem uma presença relacionada à exploração de recursos naturais. Mas temos muitas possibilidades diante de nós. A América Latina pode ser a Arábia Saudita da nova era. Se o século XX foi caracterizado, no geral, pelo petróleo, é possível que este seja pelo lítio. E a Argentina, a Bolívia e o Chile podem ser os maiores produtores mundiais de lítio por muito tempo. Mas a Bolívia ou, por exemplo, a Colômbia de Petro, estão prestes a perder o barco mais uma vez por causa de uma série de políticas, alianças e estratégias. Há chances de marcarmos um gol contra.

**P. Fiquei bem surpreso com a posição da América Latina em relação à guerra na Ucrânia. Não acho que os países da Europa ou da OTAN esperem que ela ajude a Ucrânia com armas. Mas pelo menos condena a invasão de um país por outro. E estamos vendo posições muito neutras. Até a de Lula, para quem não importa quem tenha razão, devemos buscar uma solução pacífica, que para ele provavelmente envolve a Ucrânia entregar parte do seu território à Rússia. Isso surpreende. A América Latina é uma região pacífica onde é impensável um país invadir outro.**

**R.** Deixe-me dizer três coisas. A primeira, que não é a América Latina que não apoia a Ucrânia em sua tentativa de impedir a tomada do poder pela Rússia. As pesquisas indicam que há apoio popular à Ucrânia. Na América Latina, quem discorda são os líderes, mas só porque buscam vantagens políticas de curto prazo. A segunda questão é que querem ter uma presença internacional. Não esqueçamos que, na época, Lula disse que ia resolver o problema do Oriente Médio e lançou uma série de ações que não deram em nada. Ele também disse que a América Latina se encarregaria do desenvolvimento da África, e que o Brasil teria uma presença bem importante lá.

Mas isso é dito pelos mesmos países que não conseguem se coordenar entre si. A rivalidade e a desconfiança entre o México e o Brasil são lendárias. Esses são países que não se conhecem e entre os quais há pouco intercâmbio de comércio, pessoas, tecnologia e cultura. O Brasil não tem sido o país mais aberto para coordenar ou fazer alianças com seus vizinhos. A questão é como vai fazer isso com potências extrarregionais. Há muita postura aí, muito teatro.

E uma terceira questão que explica essa situação é que na América Latina ainda há um

profundo desconforto com os Estados Unidos. Há uma velha piada em que alguém é perguntado por que está indo para a Embaixada dos Estados Unidos e a pessoa diz que pela manhã vai atirar pedras e à tarde ficar na fila para conseguir um visto. Os políticos estão mostrando relutância em reconhecer que a Rússia é uma potência invasora, ilegal e criminosa por causa de seu desejo de ser intermediários, por um lado e, por outro, porque as pessoas querem colocar o dedo no olho dos Estados Unidos de novo.

**P. Obviamente, a Europa não é os Estados Unidos, mas aqui há algo semelhante ao que você diz: embora na América Latina ela seja criticada, também é considerada um destino a nível individual. Digo isso a muitos amigos latino-americanos que vêm morar aqui. “Você quer vir morar em Madri e mandar seus filhos para estudar aqui. Você não consideraria ir morar em Xangai ou Pequim. E, porém, acha melhor privilegiar o investimento chinês em vez do europeu”. Talvez os chineses tragam melhores condições, mas a médio e longo prazo, o investimento da Europa seria mais fiel ou mais condizente com os valores da América Latina.**

**R.** É bem isso. Concordo totalmente com esse diagnóstico e com sua forma de apresentá-lo. Toda vez que você ouvir isso, pergunte à pessoa que está dizendo: Onde você guarda suas economias? Em que moeda e em que país? Para onde você iria se tiver problemas sérios de saúde e tiver condições financeiras? Você vai ficar no seu país ou buscar os melhores hospitais da Europa e dos Estados Unidos? Em quais países seus filhos vão para as universidades? Há uma longa lista de hipocrisias bem estridentes, mas por trás disso existe teatro.

**P. Em forma de autocrítica, eu diria que as grandes empresas europeias, os grandes investidores, devem ter consciência de que, se quisermos manter uma relação privilegiada com a América Latina, precisamos também proporcionar condições privilegiadas. Não podemos esperar que, para a América Latina, pagar por nossos serviços ou aceitar nossas condições acarrete prejuízo econômico, comparado com a opção de usar um investidor chinês. Temos que abrir mão dessa arrogância de que somos melhores e que o nosso é mais caro porque temos valores que devem ser protegidos.**

**R.** Sim, eu concordo com isso. No final, os incentivos materiais são muito importantes e não são muito passíveis de mudança. Eles regem a lucratividade e os custos de oportunidade, regem as variáveis econômicas, que não são fáceis de influenciar com papo-furado.

**P. Além disso, do lado europeu, a possibilidade de um acordo entre o Mercosul e a União Europeia foi abortada; isso poderia abrir as portas para futuros desenvolvimentos comerciais e uma integração mais eficiente. Alguns países europeus frearam esta aliança potencial e atualmente não parece que haja alguém a defendendo.**

**R.** É bem isso. Temos uma longa lista de acordos, tentativas de unificar e alianças transregionais. Outra opção passou a existir depois do Mercosul, com a Aliança do Pacífico. A ideia de unir o México com todos os países do Pacífico, sem muitas condições, para que pudessem trabalhar juntos, gerou bastante entusiasmo. Foi uma boa ideia. Mas depois, aos poucos, diferentes presidentes foram esfaqueando a aliança, que a enfraqueceu até que desapareceu. Vários países o consideraram um simples acordo de livre comércio

opaco que beneficiou os Estados Unidos. É uma pena que tenha sido visto assim, porque esse acordo tinha possibilidades materiais concretas. Houve a ideia de criar uma rede elétrica entre esses países. As possibilidades para a infraestrutura eram infinitas. Foi outra oportunidade perdida. Esperemos que não haja outras.

**P. Quando vemos essas oportunidades perdidas, a ideia da União Europeia ganha força. Para mim, esse é um dos movimentos multilaterais mais relevantes, senão o mais relevante, dos últimos anos. Tantas coisas foram conquistadas como modelo de integração multilateral que é uma pena que não sirva de exemplo para uma maior colaboração regional na América Latina. É verdade que isso é bem complicado por causa das diferentes realidades políticas dos países. Mas, na Europa, os países também não eram tão parecidos, e seu esforço, sua renúncia à soberania e às capacidades nacionais construíram algo que acho admirável.**

**R.** Com certeza. Eu apoio com entusiasmo o projeto europeu e acredito que não é importante só para a Europa, mas para o mundo. Sua presença e influência significam a presença e influência de ideias e valores que eu e muitos outros compartilhamos, os de uma ordem liberal internacional. Você quer que a China, a Rússia ou a União Europeia tenham mais influência à mesa onde são tomadas as grandes decisões? Mas, no caso latino-americano, pode ser pedir demais aos países que não conseguem se integrar com vizinhos com os quais compartilham uma fronteira para se integrarem com possíveis amigos do outro lado do oceano. Isso também deve ser considerado do lado europeu. Em breve haverá um projeto gigantesco de reconstrução na Ucrâ-

nia. E se você é uma empresa europeia, onde prefere colocar seu dinheiro no momento? Lá, ou na Colômbia de Petro ou na Venezuela de Maduro?

**P. O que você acha do que houver no Chile? Você acha que pode ser extrapolado no curto prazo para o Peru, Colômbia ou Argentina?**

**R.** Na Argentina estamos prestes a ver, pela primeira vez em muito tempo, um governo que não é claramente peronista. Para mim isso é uma boa notícia. É um país que não perdeu a oportunidade de errar sempre que teve a opção. E que olha para trás sem deixar de olhar para frente, porque tem talentos, recursos, possibilidades, experiências, histórias e instituições para fazer isso. A Argentina poderia ser um país ótimo, mas sofre muito com o que chamo de “necrofilia ideológica”. Como você sabe, a necrofilia é uma perversão sofrida por certos seres humanos que sentem muita atração por cadáveres. Há uma versão política disso: a atração, o apetite ou o enorme desejo por más ideias políticas que têm sido utilizadas e repetidas por demagogos políticos, em diversos casos, e que acabam deixando o país mais endividado, mais empobrecido, mais corrupto e mais desigual. A Argentina é campeã mundial em necrofilia política. Então, talvez essa mudança seja uma boa notícia para o país.

**P. Felizmente, dentro dessa fragilidade, a América Latina não reproduziu o modelo autárquico chavista com uma falsa democracia governada por um único partido, um único líder. Veja o Uruguai, um país governado por décadas pela esquerda, agora tem um presidente conservador. Na Argentina, houve alternân-**

**cia de governo. No Chile também tem. A população e as instituições aceitam o rumo tomado pela política. Isso é uma luz de esperança, não é?**

**R.** Sim. Mas também é bem importante entender que as palavras “esquerda” ou “direita” não funcionam mais. O Chile é um bom exemplo. A Bachelet ou o Lagos, que eram socialistas, tinham políticas que em termos econômicos eram claramente de direita. Já Piñera, que se dizia de direita, tinha políticas de esquerda. Vimos isso em outros países. Para mim, o que mais importa é que sejam democráticos e que não tentem limitar a alternância, que não tentem ficar mais do que a Constituição estabelece.

**P. Mas, por enquanto, é isso que tem acontecido. Na Argentina, o cenário com os Kirchner no governo parecia difícil, mas Macri chegou, ganhou e governou. Depois outro presidente venceu e governou. E agora haverá eleições novamente e haverá outro presidente no Governo.**

**R.** Claro. Mas na Argentina o conceito de Governo é bem relativo. Tem um presidente que se senta na Casa Rosada e manda. Mas, de várias maneiras, a Argentina, e isso também é visto em outros países como o Peru, não é governada. Há governos e há alternância, o que deve ser reconhecido, respeitado e aplaudido. Mas não podemos perder de vista que, no fundo, esses países não estão sendo governados. Pense no México, por exemplo, na quantidade do seu território que ninguém controla, além de uma combinação de cartéis, traficantes, militares...

**P. Que lições essas duas regiões, Europa e América Latina, podem oferecer?**

**R.** O projeto de integração europeia é essencial para a Europa, mas também para o mundo e principalmente para a América Latina. É muito importante ter sucesso. E a América Latina deve redobrar seus esforços para tentar aderir a isso, mas de forma prática, concreta e realista. A realidade é que, primeiro, antes de tentar fazer essa aliança com um grupo de países do outro lado do oceano, os países latino-americanos devem integrar-se entre si. O potencial de uma América Latina integrada é enorme, significativa e suscita grandes esperanças até agora não realizadas. Talvez, com novas lideranças, haja mais possibilidades de pensar uma América Latina que saiba fazer alianças, primeiro internamente, na própria região, e depois internacionalmente.

**P. E o que a Europa deve fazer?**

**R.** A Europa precisa recuperar o entusiasmo dos seus cidadãos pela União Europeia. Quando foi decidida a unificação da Europa, houve festas nas ruas. A comemoração foi muito emocionante. Isso se perdeu e o entusiasmo pelo projeto europeu foi caindo. É importante que os líderes entendam que precisam reconquistá-la se quiserem ser legítimos para ir à guerra ou construir a potência econômica que a Europa pode ser. É muito importante que os europeus, que não são necessariamente especialistas políticos e estadistas, mas pessoas comuns, voltem a ter entusiasmo e esperança no projeto europeu.



# DIGITALIZAÇÃO, INOVAÇÃO e SUSTENTABILIDADE



**John Rutherford**

Responsável Global de Relações Internacionais do BBVA / Reino Unido

Nos últimos trinta anos, o BBVA teve um papel crucial no desenvolvimento do setor financeiro na América Latina, sendo atualmente uma das entidades mais importantes da região com presença em 9 países.

Em um mundo com 24 % da população sem banco, o BBVA sabe do poder transformador dos serviços financeiros para enfrentar os grandes desafios da sociedade, bem como do papel exclusivo do setor financeiro como catalisador do desenvolvimento. De fato, o PIB per capita mostra uma correlação clara com o acesso a serviços financeiros. Sem ir mais longe, o grau de acesso bancário na América Latina, que estava em torno de 30 % a 35 % na década de 1990, teve o maior aumento nas últimas décadas entre as partes do mundo em desenvolvimento. Dados do Banco Mundial de 2021 mostram que 73 % dos adultos têm contas em instituições financeiras de algum tipo.

Por tudo isso, a estratégia do BBVA na região tem como base três prioridades estratégicas: digitalização, inovação e sustentabilidade.

Em relação à primeira, o BBVA foi pioneiro em introduzir canais bancários online e aplicativos móveis, que facilitaram o acesso dos clientes a serviços e produtos de forma mais conveniente e segura, garantindo que cheguem aos grupos mais vulneráveis. Em 2022, o número de usuários digitais do BBVA na região superou 29 milhões de clientes, com um crescimento anual de 18 %, com as vendas pelos canais digitais representando quase 80 % do total.

**“Em um mundo com 24 % da população sem banco, o BBVA está ciente do poder transformador dos serviços financeiros para enfrentar os grandes desafios da sociedade”**

Em termos de inovação, a região se tornou um cenário importante, e o BBVA pretende continuar se aproximando do ecossistema *fintech*, apoiando soluções do ecossistema empreendedor que permitam incursões em novos modelos de negócio e mercados. Prova disso é o lançamento em 2022 do BBVA Spark (que opera atualmente no México, Colômbia e Espanha) para promover e prestar serviços bancários a empresas de tecnologia e inovação com soluções de financiamento especializadas, como dívida de risco e empréstimos de crescimento ou com ferramentas de otimização de capital de giro para operações diárias.

A sustentabilidade é outro vetor estratégico que, no BBVA, faz parte do compromisso 2025 de contribuir para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e os compromissos derivados do Acordo de Paris sobre o Clima. Nesse sentido, o BBVA se comprometeu a mobilizar 300 bilhões de euros de financiamento sustentável em todo o mundo até 2025. No contexto da América Latina (e somente em 2022) o BBVA mobilizou

**“Um setor financeiro eficiente e solvente é essencial para enfrentar a recuperação econômica e social da região após o duplo impacto da pandemia e o aumento dos preços de energia e alimentos”**

mais de 6,7 bilhões de euros em empréstimos verdes, tanto para pessoas físicas quanto para empresas.

O BBVA também tem um forte compromisso com a sociedade. E, nesse sentido, destinará 550 milhões de euros entre 2021 e 2025 às comunidades dos países onde está presente. Alinhado com este compromisso, o BBVA desenvolve iniciativas de responsabilidade corporativa com foco na educação e inclusão financeira e na promoção do empreendedorismo social. Soma-se a isso o trabalho da Fundação de Microfinanças BBVA, que desde sua criação em 2007 já atendeu a mais de 6 milhões de pequenos empreendedores em situação de vulnerabilidade (6 em cada 10 sendo mulheres) concedendo mais de 18 bilhões de dólares em microcréditos, o que o credita como uma das iniciativas filantrópicas de maior impacto social no mundo.

A América Latina enfrenta desafios importantes, mas também oferece grandes oportunidades. Embora as perspectivas econômicas e sociais para a região sejam mistas no momento (de acordo com o BBVA Research, o crescimento na região diminuirá de 3,6 % em 2022 para 1,1 % em 2023), isso se deve em grande parte ao endurecimento das condições financeiras globais e à desaceleração no

crescimento global. As estimativas econômicas sugerem um crescimento moderado, mas sustentado, na maioria dos países da região.

Porém, a América Latina apresenta um potencial de crescimento extraordinário no longo prazo, alavancado por uma evolução acelerada da digitalização (já próxima dos níveis dos países desenvolvidos), seu bônus demográfico (idade média da região de 31 anos contra 43 na Europa Ocidental), avanços significativos no acesso a bancos e grande riqueza em recursos naturais e fontes de energia limpa.

Um setor financeiro eficiente e solvente é crucial para enfrentar a recuperação econômica e social na região após o choque duplo da pandemia e do aumento dos preços de energia e alimentos como resultado da invasão russa da Ucrânia. Da mesma forma, deve desempenhar um papel importante na transição tríplice (digital, energética e social) na região e na promoção do desenvolvimento por meio do financiamento de investimentos em infraestrutura, telecomunicações e energia sustentável.

Concluindo, o BBVA está comprometido com o desenvolvimento da América Latina por meio do investimento, concessão de crédito, promoção da poupança e apoio decisivo à inclusão social. Tudo isso orientado pelo nosso propósito de tornar as oportunidades desta nova era disponíveis para todos.

# ○ **RENOVADO INTERESSE** pela **AMÉRICA LATINA**: uma **OPORTUNIDADE** para **FORTALECER** a **INFLUÊNCIA** da **ESPAÑA** na **UE**



**Raquel García Llorente**

Pesquisadora do Real Instituto Elcano / Espanha

A América Latina sempre foi uma das prioridades da ação externa da Espanha. No entanto, até o momento, a Espanha não conseguiu transferir esse objetivo para a agenda europeia. A política de cooperação é um exemplo representativo disso: por um lado, a América Latina tem sido um objetivo central da ajuda espanhola ao desenvolvimento; por outro, a Espanha canaliza a maior parte da ajuda através da União. No entanto, a ênfase nacional na América Latina não se refletiu na política de cooperação comunitária, que teve como prioridade a vizinhança da UE e a África subsaariana. A principal razão é que, pelo menos até agora, a Espanha não conseguiu fazer com que os demais sócios europeus percebessem a importância estratégica da América Latina.

Pode-se argumentar que o resto dos Estados membros têm outras prioridades geográficas que impedem a América Latina de estar no centro da agenda. Outra explicação pode ser encontrada no fato de que a influência espanhola na Europa tem sido irregular, até mesmo diminuindo desde os anos 2000. A isso se soma a ausência de uma visão estratégica e de longo prazo das prioridades espanholas dentro da UE, que vão além de um europeísmo entusiasta e acrítico. O resultado é que a Espanha assumiu uma posição de *policy taker*, ou seja, que tira proveito dos benefícios da integração, em vez de *policy maker* ou modelador influente da agenda europeia.

**“A ênfase nacional na América Latina não se refletiu na política de cooperação comunitária. Até agora, a Espanha não conseguiu fazer com que os demais sócios europeus percebessem a importância estratégica da América Latina”**

No entanto, nestes momentos de especial complexidade no cenário europeu e internacional, existe a possibilidade de, por um lado, a América Latina ganhar posições nas prioridades europeias e, por outro, a Espanha consolidar uma maior presença e influência dentro das instituições europeias.

Em primeiro lugar, a invasão russa da Ucrânia destacou que a posição comum mantida pelos EUA, UE e Reino Unido não é compartilhada por outras grandes potências como Turquia, Índia ou China. Nesse sentido, os parceiros ocidentais se deparam com o desafio de buscar apoio político na condenação da agressão russa. Da mesma forma, a guerra destacou a importância de a UE diversificar seus parceiros e reduzir as dependências em setores estratégicos como a energia.

**“Esse é um desafio especialmente complicado no contexto atual, marcado pela mudança do centro de gravidade da Europa para o Leste e pelo cenário internacional de incerteza e volatilidade”**

Nesse contexto, a América Latina se posiciona como um parceiro atraente. Por um lado, a Europa e a América Latina compartilham fortes laços históricos, culturais e políticos. Além disso, trabalhar com a América Latina será fundamental para alcançar bens públicos globais, como a luta contra a mudança climática ou a saúde global. Da mesma forma, pode ser um aliado para reduzir vulnerabilidades e diversificar dependências em setores estratégicos, avançar na consecução de objetivos no âmbito da agenda verde e digital e abrir oportunidades em termos comerciais e de investimento. De qualquer forma, a UE enfrenta o desafio de competir com outros atuantes que também têm interesses na região. Por isso, a União deve ser capaz, não só de querer aproximar-se unilateralmente da América Latina, mas também de fazer ver à outra parte os benefícios que uma relação mais próxima traria. Isso, sem dúvida, envolve avanços tangíveis em temas específicos como o acordo comercial com o Mercosul.

Nos últimos anos, a Espanha soube atuar com liderança e ambição no quadro da União, revertendo décadas passadas de influência sem destaque. No entanto, agora deve ser capaz de consolidar esse protagonismo. Um desafio especialmente complicado no contexto atual, marcado pela mudança do centro de gravidade da Europa para o Leste e pelo cenário internacional de incerteza e volatilidade, que obrigam a UE a redefinir suas prioridades e políticas, adotando uma postura mais proativa e estratégica.

Nesse sentido, não há dúvida de que a Espanha tem uma posição privilegiada para servir de ponte entre a América Latina e a Europa. Isso permitiria fortalecer sua posição e influência no ecossistema europeu. Depois de quatro Presidências rotativas do Conselho nas quais a Espanha colocou a América Latina como uma de suas prioridades, o semestre espanhol no segundo semestre de 2023 é talvez a melhor oportunidade para dar uma importância renovada à região latino-americana no debate europeu e, com isso, fortalecer a voz espanhola na União.

# DIGITALIZAÇÃO, a NOVA PONTE ATLÂNTICA entre a UE e a AMÉRICA LATINA



**Andreu Vilamitjana**

Diretor-Geral da CISCO Espanha / Espanha

Apesar dos desafios globais no nível macroeconômico (a inflação, a variação do índice de compras do setor produtivo ou a queda do consumo), o Fórum Econômico Mundial estima que cerca de 70 % do novo valor econômico criado na próxima década será baseado em modelos de negócios digitais.

Ao contribuir para a resiliência e eficiência das operações das empresas e dos países, a digitalização manterá seu impulso e investimento. Mas também implica grandes desafios, como a soberania digital, a necessidade de chegar a acordos sobre a implantação do 5G/6G, a privacidade dos dados ou os limites éticos da inteligência artificial.

Estes novos desafios e oportunidades justificam que a União Europeia coloque a transformação digital entre as suas prioridades estratégicas no final de 2019, consciente do desenvolvimento desigual e limitado do mercado único digital.

Após as medidas de impulso aprovadas pela Comissão pouco antes da pandemia de COVID-19, foi elaborado o Plano de Recuperação e Resiliência (julho de 2020), no qual a transição digital, juntamente com a transição verde, constituem os pilares fundamentais sobre os quais os investimentos dos Estados-membros devem dinamizar.

**“Ao contribuir para a resiliência e eficiência das operações das empresas e dos países, a digitalização manterá seu impulso e investimento. Mas também envolve grandes desafios”**

## ESPAÑA AVANÇA POSIÇÕES

Na Espanha, a digitalização já representa mais de 20 % do PIB e continua a crescer rapidamente com o impulso dos planos nacionais de digitalização (Espanña Digital e España Puede) e com a ajuda dos fundos Next Generation da UE.

Os últimos dados do relatório DESI da Comissão Europeia endossam esta evolução. A Espanha ocupa o sétimo lugar entre os 27 países membros da UE, subindo rapidamente da décima segunda posição que ocupava no índice DESI de 2017.

Em particular, destaca-se nossa posição nas áreas de conectividade e serviços públicos digitais. E apesar de que devemos melhorar nos capítulos de capital humano e integração tecnológica, até o final de 2025 o setor digital na Espanha poderá representar 40 % do PIB,



## “A Presidência do Conselho da UE que a Espanha assumirá é uma oportunidade única para fortalecer os fortes laços que unem a Europa à América Latina”

segundo a Secretaria de Estado de Digitalização e Inteligência Artificial.

Mas, embora as empresas e administrações espanholas estejam evoluindo favoravelmente em termos de digitalização, temos que continuar consolidando essa evolução para nos posicionar no grupo mais avançado (no caso da Europa, junto com os países nórdicos) e transformar o país em um Referência europeia em plataformas e serviços digitais.

### MODELO COLABORATIVO

Este também é o caso da América Latina, onde essa digitalização em “duas velocidades” é replicada se compararmos países como México, Argentina e Chile com o resto da América Latina e Caribe. Mais da metade dos países da região estão em um baixo nível de maturidade digital, de acordo com o relatório Global Digital Index da Cisco.

Para acelerar a digitalização no nível do país, é necessário um modelo público/privado colaborativo envolvendo administrações, provedores de tecnologia, associações empresariais, indústria e todo o ecossistema de parceiros.

Para a Cisco, é assim que nosso programa de aceleração digital (CDA, Country Digital Acceleration) funciona. Fundado em 2015, já é aplicado em 48 países, com mais de 1 400 iniciativas

concluídas ou em andamento, abrangendo mais de dois terços da população mundial e 75 % do PIB global.

Entendemos o CDA como uma associação estratégica com governos para promover a agenda digital nacional e criar novos valores para o país, suas empresas e cidadãos. E com uma missão definida: promover um futuro inclusivo para todos.

O México foi o primeiro país a implantar o programa na América Latina, consolidando-se desde 2016 como uma marca da Cisco no país. E nossa vocação para impactar positivamente as comunidades nos motivou a buscar um impacto escalável, sustentável e inclusivo na nação.

### UMA OPORTUNIDADE ÚNICA

A digitalização é um poderoso motor de crescimento econômico, gerador de PIB, competitividade e geração de empregos. E a iminente Presidência rotativa do Conselho da UE que a Espanha assumirá durante o segundo semestre do ano é uma oportunidade única para reforçar os fortes laços que unem a Europa à América Latina.

A UE também mantém um forte compromisso com a região para promover o crescimento financeiro, ambiental e socialmente sustentável, com uma clara intenção de expandir as pontes que nos unem através do Atlântico por meio da cooperação tecnológica.

As prioridades devem centrar-se na conclusão dos acordos comerciais em curso, na promoção de instrumentos de financiamento, na aposta nas energias renováveis e na eficiência energética e no alargamento do investimento no capital humano, na formação e capacitação digitais para criar empregos de qualidade.

**“Este é o melhor momento para impactar positivamente países e comunidades por meio da digitalização, construindo uma nova ponte atlântica com a América Latina que promova inovação”**

No nível empresarial, é essencial ter parceiros de tecnologia que ofereçam uma combinação de três elementos-chave: inovação (com plataformas digitais que reduzem a complexidade), confiança (com soluções comprovadas e seguras) e escolha (através de modelos como serviço e pré-pago).

A disrupção tecnológica também é essencial. Co-localizada em nosso Centro de Inovação em Barcelona, a Cisco anunciou um novo laboratório de design de semicondutores que ajudará a colocar a UE na vanguarda da próxima geração de chips de rede, atraindo talentos e com designs exportáveis em todo o mundo.

Sem esquecer a formação e a capacitação digital das pessoas para que todos se beneficiem do progresso, algo que a Cisco promove com seu programa sem fins lucrativos Networking

Academy (NetAcad), que já formou 17,5 milhões de pessoas em competências digitais e pretende formar mais 25 milhões na próxima década.

Na Cisco, acreditamos que este é o melhor momento para impactar positivamente países e comunidades por meio da digitalização, construindo uma nova ponte atlântica com a América Latina que promova inovação, crescimento econômico e um futuro inclusivo e sustentável para todos.

# UNIÃO EUROPEIA - AMÉRICA LATINA: uma NOVA OPORTUNIDADE?



**María Ángela Holguín**

Ex-ministra das Relações Exteriores da Colômbia / Colômbia

Sempre foi falado que a relação entre a União Europeia e a América Latina é unida pela história, pela língua, pela religião, pelos valores políticos, sociais e econômicos. Motivos não faltam para termos um excelente relacionamento. Apesar disso, passamos décadas tentando construir uma relação sólida, duradoura, de confiança e benéfica para ambas as partes e não conseguimos. Devemos nos perguntar por que isso não foi alcançado. É uma pergunta relevante neste caso.

Não conseguimos construir uma relação comercial, cultural ou temática de longo prazo. Sempre ocorreu devido a situações específicas, tanto na Europa quanto na América Latina. Quando a União Europeia não tem conflitos ou situações específicas em seu ambiente mais próximo, ela tende a reavivar seus laços com a América Latina. Quando há governos com ideias semelhantes na América Latina, a relação flui, ou quando o Alto Representante para as Relações Exteriores vem de um país “latino”, como foi o caso de Federica Mogherini, a relação aumenta; agora, com Josep Borrell, fala-se novamente em relançar o relacionamento.

A América Latina tem seus próprios desafios que são maiores hoje do que há algumas décadas. Enfrentamos problemas maiores em decorrência da pandemia. Pobreza. Desigualdade. Atraso digital: menos de 50 % da população tem acesso à banda larga, e isso hoje, na era digital, é um grande atraso. A falta de liderança dos presidentes da região dificulta encontrar formas de ajudar a mitigar os pro-

**“Historicamente, a América Latina não conseguiu se unir para trabalhar de forma conjunta e sistemática, além do curto prazo. Temos mecanismos de diálogos criados que nem sequer são convocados”**

blemas e, acima de tudo, que trabalhem juntos para avançar nos diálogos com outras regiões.

Temos que reconhecer que, historicamente, a América Latina não conseguiu se unir para trabalhar de forma conjunta e sistemática, além do curto prazo. Temos mecanismos de diálogos criados que nem sequer são convocados. Não ouvem o outro. Nos últimos anos, apesar das diferenças de modelos políticos e econômicos, manteve-se o diálogo, foram feitos esforços para sentar à mesma mesa e ouvir uns aos outros. Agora, nos últimos anos, os presidentes preferem não comparecer às cúpulas, ou simplesmente criam mecanismos de diálogo que excluem aqueles que não compartilham de sua posição política. O caso do Prosur criado em 2019.

A Venezuela, sem dúvida, foi o fator que acabou com a integração, e diria também, com os mecanismos de diálogo entre os países. Acabou a OEA como espaço de diálogo e con-

certação, a Celac, a Unasul; hoje continuamos com o mesmo regime venezuelano, já reconhecido por quase toda a região, e por outro lado, a integração da América Latina não existe. O diálogo Celac-União Europeia perdeu a força com que foi criado, sem contar a Cúpula das Américas, que foi palco de diálogo com Estados Unidos e Canadá.

Agora, com a chegada de Lula novamente ao Brasil, parece que a integração na região está se reativando. Esperemos que não caiam nos erros do passado de ideologizar o diálogo. Esperamos que isso seja alcançado.

Sem dúvida, a América Latina tem esperado mais da União Europeia do que lamenta ter recebido. E a UE tem sentido que a América Latina não progrediu como se esperava, nem se comporta com os valores democráticos que gostaria. Além disso, deve-se reconhecer que, com exceção de Espanha e Portugal, o interesse na região é baixo.

A União Europeia precisa de uma visão a mais longo prazo, sem se centrar nas crises específicas da região. Mas é preciso seguir em frente, manter o diálogo sem ideologizar, mas pensando no crescimento e no que seria uma América Latina em melhores condições. Não esqueçamos que somos 700 milhões de pessoas, com uma percentagem muito elevada de população jovem, grande riqueza e recursos naturais. Há um caminho importante a percorrer: não só que a UE continue a ser o maior investidor direto, mas que o faça com novos programas centrados nos problemas atuais, que ajudem a região a sair do seu constante atraso.

Temos desafios globais, como o resgate do multilateralismo; as duas regiões são, sem dúvida, grandes defensoras do multilateralismo. O cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a energia verde,

as novas fontes de energia limpa, os crimes de narcotráfico transnacional, a migração... são problemas aos quais a resposta deve ser global, não apenas de alguns.

É imperativo que a União Europeia entenda que a América Latina é diversa, que não se pode esperar que ela reaja em uníssono, que os processos devem ser compreendidos mais do que as circunstâncias. É fundamental que entenda os contratempos e, porque não dizer, as incoerências em que vive, sem paralisar a relação com cada situação que se apresenta.

O recente anúncio da União Europeia de reativar o relacionamento com a região é muito positivo e a Presidência da Espanha no Conselho no segundo semestre de 2023 é favorável para que isso seja alcançado. A minha experiência como Chanceler da Colômbia durante o processo de paz me permite acreditar, porque o vivi, que podemos trabalhar em conjunto com a UE, obtendo grandes benefícios.

Posso parecer otimista nestes tempos difíceis, mas acredito que existe uma oportunidade para a América Latina contribuir para a solução de vários problemas globais, especialmente alguns essenciais para o futuro da Europa. Por exemplo, a América Latina é uma região rica em matérias-primas (lítio, cobalto, cobre) essenciais para uma transição energética sustentável, além da imensa capacidade de geração de energia renovável, a existência de grandes áreas com potencial para desenvolvimentos agrícolas necessários para garantir segurança alimentar ou florestas cruciais para a captura de CO2 na luta contra o aquecimento global. Aproveitar esta riqueza é uma oportunidade de trabalhar em conjunto com a Europa.

# A **REVOLUÇÃO INVISÍVEL** e as **NOVAS PRIORIDADES** de **TALENTO**



**João Nunes**

Diretor de Mercados Estratégicos LATAM no Page Group / Portugal

A “Grande Renúncia” é um termo que foi inventado em 2021 para se referir a um fenômeno cultural global. Isso já acontecia antes mesmo da pandemia e se caracterizou por uma mudança na mentalidade das pessoas em relação à forma como encaram o equilíbrio entre vida e trabalho, entre outras questões.

A movimentação cultural provocada por esse fenômeno repercutiu no mercado de trabalho, que foi impactado pela grande rotatividade de talentos nas empresas. Apesar de se pensar que o volume de negócios provocado pela “Grande Renúncia” iria estabilizar gradualmente, há números que revelam que este fenômeno continua em 2023, até mesmo com uma tendência ascendente.

Segundo o Global Talent Trends 2023, estudo realizado pela empresa de recrutamento PageGroup, em 2019 a porcentagem de pessoas no mundo que mudaram para um novo emprego foi de 9 %. O número cresceu ano após ano, em 2020 em 12 %, em 2021 em 19 %, até chegar a 30 % em 2022, o triplo da etapa pré-pandêmica.

A tendência de alta na rotatividade de talentos é um alerta para que as empresas atuem de acordo com as transformações do mercado de trabalho, em um momento em que as pessoas decidiram reavaliar o papel do trabalho em suas vidas.

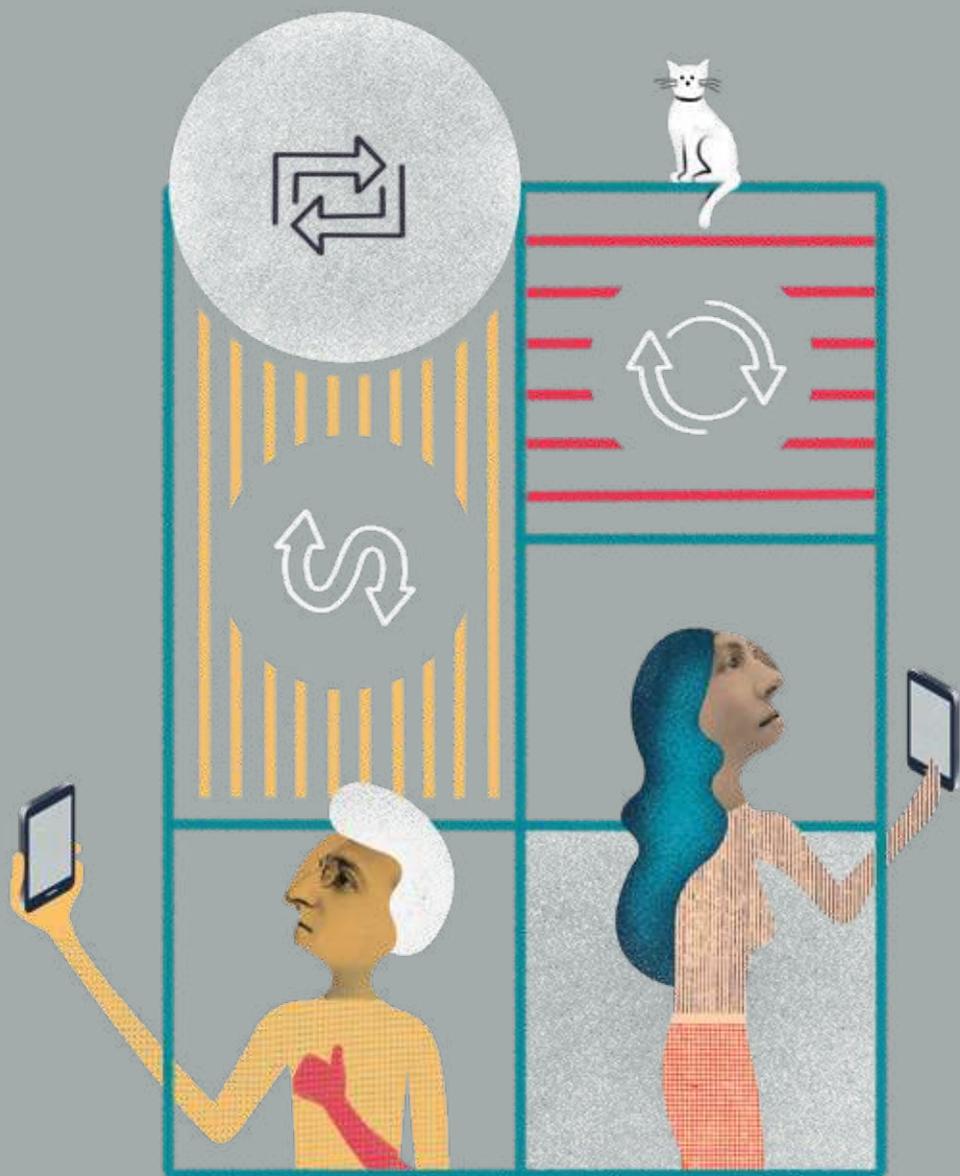
**“A equação vida-trabalho é hoje uma prioridade no mundo do trabalho. A combinação de salário, desenvolvimento de carreira e flexibilidade tornou-se a fórmula vencedora para atrair e reter talentos”**

## **REVOLUÇÃO INVISÍVEL: UMA NOVA ERA DE TRABALHO**

A “Revolução Invisível” já começou. Essa é a mais profunda transformação da cultura de trabalho em uma geração, caracterizada por maior mobilidade no mercado de talentos, fenômeno que vem crescendo como uma bola de neve desde o início da pandemia.

Os fatores que definem esse momento no mundo do trabalho são:

- **Uma revolução total da cultura de trabalho.** As prioridades das pessoas mudaram, não se trata mais apenas de salário, benefícios extras ou desenvolvimento de carreira, mas de equilíbrio entre vida profissional e pessoal e bem-estar pessoal. Hoje, 44 % das pessoas estariam dispostas a recusar uma promoção se acreditarem que isso terá um efeito negativo em seu bem-estar.



- **Uma mudança na dinâmica do sentimento de pertencimento à empresa.** Gerou-se um novo conceito de fidelização, que não está necessariamente ligado à longa permanência das pessoas na mesma empresa. Os funcionários estão cada vez mais abertos a explorar novas oportunidades, não importa há quanto tempo estão na empresa. Atualmente, 9 em cada 10 pessoas que iniciaram um novo emprego no último ano estão abertas a novas oportunidades de trabalho.
- **O foco das empresas nas prioridades dos novos talentos.** Isso permite que as empresas tenham uma maior vantagem competitiva. Uma proposta de valor para o funcionário deve ser personalizada e refletir suas prioridades, neste momento que pode fazer toda a diferença na hora de contratar novos funcionários ou reter os talentos existentes.

Nesse contexto, a alta rotatividade será uma ameaça permanente para as empresas, que se encontram em um momento-chave para tomar as devidas providências para fortalecer sua marca empregadora.

## A EQUAÇÃO VIDA-TRABALHO

As tendências são claras quanto ao que o funcionário está procurando. Suas prioridades não são exclusivas, ou seja, não se trata de escolher uma ou outra, são conceitos-chave e obrigatórios que os empregadores precisam atender simultaneamente.

A soma dos três elementos a seguir forma a equação vida-trabalho:

1. **Salário.** É recomendável revisar os salários atuais dos funcionários o mais rápido possível, priorizando os talentos de alto valor.

Hoje sabemos que 84 % das pessoas não vão pedir aumento antes de pedir demissão, vão simplesmente buscar a opção que melhor atenda aos seus interesses. É importante não subestimar a importância do salário para o funcionário ou tentar distrair a atenção com outros benefícios.

2. **Avanço de carreira.** O desenvolvimento profissional deve ser perfeitamente integrado à cultura da empresa e entregue de forma autêntica por meio da experiência diária do funcionário. Hoje, 36 % dos candidatos priorizam trabalhar em uma empresa que investe em seu desenvolvimento profissional. Portanto, os empregadores devem definir claramente e até divulgar nas vagas a possibilidade de desenvolver seus talentos.
3. **Flexibilidade.** 70 % dos funcionários valorizam horários de trabalho flexíveis, enquanto 78 % valorizam acordos de trabalho híbrido. As empresas que transformam sua mentalidade de tolerar a flexibilidade para adotá-la como uma boa estratégia de negócios terão uma taxa de retenção significativamente melhor. Políticas de flexibilidade adaptáveis individualmente, evitando regras que se apliquem a todos, terão mais chances de limitar a mobilidade de talentos.

No fim das contas, as mudanças trazidas pela “Revolução Invisível” são um desafio para especialistas em gestão de talentos e empresas, em um mercado de trabalho altamente móvel. Mas a situação também representa uma grande oportunidade para desenvolver uma marca empregadora sólida, que por meio da empatia e compreensão de novas prioridades, possa ajustar suas estratégias de atração e retenção a essa nova era de trabalho.

# VALORES COMUNS entre AMÉRICA LATINA e EUROPA?



Ramón Jáuregui

Presidente da Fundação Euroamérica / Espanha

Coloco intencionalmente as perguntas em uma afirmação comum em nossas conversas sobre as relações entre a América Latina e a Europa. Como sempre. Faço isso porque as coincidências de valores não são suficientes para obter convergências estratégicas e geopolíticas em um mundo cada vez mais adverso e complexo.

Não basta ter a mesma concepção de liberdade, Estado de direito, dignidade humana ou proteção social para construir alianças em questões em que o interesse nacional supera essas coincidências. Não basta aspirar à mesma ordem internacional, às mesmas organizações supranacionais para a governança da globalização, se não negociarmos e dialogarmos primeiro sobre os conflitos que atravessam o cenário multinacional.

Isso vem da retórica com que a Europa (e a Espanha, claro) muitas vezes aborda nossas relações com a América Latina, sem entender que, do outro lado do Atlântico, seus interesses e posições geopolíticas respondem a suas próprias razões e objetivos que, às vezes, não compartilhamos, não entendemos ou, pior, não conhecemos.

As vozes europeias estão incomodadas, por exemplo, com algumas abstenções latino-americanas na resolução que condena a Rússia pela invasão da Ucrânia nas Nações Unidas, sem que antes tenham feito nada, nem discutido com ninguém antes dessas votações. As posições comuns nas mesas globais devem

**“O Sul Global não aceita estar localizado em nosso bloco ocidental, em frente ao outro polo, porque as relações econômicas e comerciais de muitos deles dependem mais da China do que dos Estados Unidos”**

ser previamente negociadas com países amigos com os quais compartilhamos “valores comuns”. Temos que ter consciência de que o Sul Global não aceita estar localizado em nosso bloco ocidental, em frente ao outro polo, porque as relações econômicas e comerciais de muitos deles dependem mais da China do que dos Estados Unidos. Temos que estar cientes de que há um “vírus anticolonial” circulando em certos discursos políticos na América Latina hoje e que isso requer abordagens culturais e políticas delicadas. Devemos estar cientes de que a China e a Rússia usam certos países latino-americanos para movimentar habilmente sua influência geopolítica na região.

Estive no Parlamento Europeu no final de abril para explicar à Comissão de Comércio Internacional a importância dos acordos UE-AL e, em particular, para lembrá-la da enorme importância dos futuros acordos com o México e o Mercosul. Eu lhes disse muito claramente que a Europa perdeu presença econômica e política na América Latina, que a China está

aumentando exponencialmente seu comércio e investimento lá e que nossos rivais geopolíticos, Rússia e China, estão cada vez mais influenciando esse cenário. Disse que há algo pior do que o sinal da América Latina não aparecer no radar da política externa europeia, que é que a América Latina também deixa de nos enviar sinais e volta os olhos para o Pacífico. Disse que se não assinarmos com o Mercosul, Brasil e Uruguai vão assinar com a China individualmente. Disse que esquecessem de liderar a transição ecológica se todo o lítio do triângulo abençoado por este novo mineral (Chile, Bolívia e Argentina) acabar nas mãos do líder mundial de baterias (China). Disse que não é possível expandir nosso modelo regulatório ético de digitalização no mundo se nossas empresas não desenvolverem a transformação digital na América.

Tudo parece indicar que há uma consciência europeia de todas estas grandes transformações do nosso mundo e da importância da América Latina para a Europa em um mundo tão hostil aos nossos interesses. É muito difícil encontrar no mundo um espaço geopolítico mais parecido com a Europa do que a América Latina. Na verdade, a Comissão está trabalhando seriamente na preparação das Cúpulas que ocorrerão ao longo do semestre da Presidência da Espanha da UE: a Cúpula empresarial e a Cúpula UE-Celac (julho, Bruxelas) e a Cúpula de ministros de economia (setembro, Santiago de Compostela).

Em resumo, estas podem ser três conquistas importantes nestes meses transcendentais para nossas relações com a América Latina:

a) Celebrar a Cúpula empresarial e a cúpula política dos chefes de Estado e de Governo UE-Celac com a mais elevada participação e com resoluções concretas de progresso, como base para uma recuperação política da nossa aliança estratégica.

**“As relações com a América Latina devem ser administradas não com base retórica em nossa convergência de valores, mas em interesses específicos e apostas comprometidas com o investimento europeu e o comércio na América Latina”**

b) Elaborar um plano de investimento em infraestruturas físicas e tecnológicas para a América Latina que permita à Europa recuperar sua presença e influência econômica na região através do Plano Global Gateway. É de extrema importância que apoiemos financeiramente este plano para que as nossas grandes empresas possam vencer os grandes concursos públicos em matéria digital e ecológica.

c) Aprovar acordos comerciais e de investimentos com o México e o Mercosul como base para uma sólida recuperação de nossas relações econômicas com a região. Ambos representam dois terços da economia de toda a América Latina.

Para isso, é preciso avançar bem e administrar as relações com a América Latina não com base retórica em nossa convergência de valores, mas em interesses específicos e apostas comprometidas com o investimento europeu e o comércio na América Latina.

# Como **AUMENTAR** a **RESILIÊNCIA** dos **SISTEMAS** de **SAÚDE** na **AMÉRICA LATINA**?



**Yaneth Giha**

Diretora Executiva da Federação Latino-Americana da Indústria Farmacêutica (FIFARMA) / Colômbia

Qual seria a forma mais eficaz de medir a resiliência de um sistema de saúde? Sem dúvida, diante de uma crise repentina de proporções consideráveis. Ou seja, uma pandemia como a que vivemos devido ao COVID-19. Esse cenário caótico expôs as deficiências de muitos sistemas de saúde no mundo e, além disso, permitiu detectar quais responderam melhor à crise e por quais motivos.

Vamos começar com o básico e depois seguir fazendo um paralelo com o que aconteceu na Europa e na América Latina diante da pandemia. O que significa um sistema de saúde ser resiliente? Em termos gerais, pode-se dizer que a resiliência é a capacidade do sistema de enfrentar situações de crise, responder a elas de forma eficaz e se reorganizar, com base nas lições aprendidas, para voltar a prestar os serviços necessários em benefício dos pacientes e seus familiares.

## UM ESTUDO REVELADOR

A América Latina foi uma das regiões mais atingidas pela pandemia. A crise foi resultado de vários fatores, como ineficiências nos sistemas de saúde e baixo gasto público em saúde, inferior ao de países europeus e membros da OCDE. É o que comprova o estudo da FIFARMA “Ambiente político da COVID-19 e a importância da economia da saúde na América Latina”, elaborado pelo WifOR, instituto de pesquisa da Alemanha, que analisou a situação gerada pela pandemia nos sistemas de saúde do Brasil,

**“A pandemia expôs nossas carências, com resultados dolorosos para a vida e a economia. É hora de olhar no espelho e aprender com regiões como a Europa, que conseguiram superar a crise com suas boas práticas”**

Argentina, Peru, Chile, México e Colômbia em comparação com países europeus.

Segundo o estudo, enquanto países como França têm gastos públicos com saúde de 8,8 % do PIB, Reino Unido 8,0 %, Espanha 6,5 % e países da OCDE 5,8 %, na América Latina os mais bem qualificados são Argentina e Chile com 4,9 %. A Colômbia chega a 4,1 %, enquanto o Brasil investe 3,8 %, o Peru 3,3 % e o México 3,1 %.

A pandemia teve um impacto diferente em cada país em termos de mortes, mas com grandes diferenças face aos europeus. O país com o menor número de mortes por 100 000 habitantes foi o Chile com 232, seguido do México (249), Colômbia (274), Argentina (282), Brasil (309) e Peru (642). Enquanto, na Europa, a França teve 211 mortes para cada 100 000 habitantes, a Espanha 214 e o Reino Unido 240, números bem abaixo da média latino-americana. O estudo também mostrou na maioria dos países

latino-americanos uma baixa relação entre habitantes e médicos, enfermeiros, hospitais e leitos de UTI.

## A PESQUISA É SAUDÁVEL

O panorama evidenciado pelo estudo mostra a realidade dos sistemas de saúde na América Latina. Mas longe de ficar na crítica, vale perguntar: por que a Europa se saiu tão bem e que lições podemos aprender para aplicar em nosso continente?

Vou me concentrar apenas nas que considero fundamentais. A primeira é um trabalho de longo prazo. A Europa passou décadas construindo sistemas de saúde robustos e sustentáveis. Na América Latina, mudanças de governos e emergências econômicas em outros setores fazem prevalecer o imediatismo, com soluções temporárias e insuficientes.

Outra visão fundamental que nos diferencia é que os latino-americanos ainda acreditam que a saúde é um gasto e não um investimento. E, por isso, a maior parte do orçamento vai para outras questões, como segurança ou infraestrutura. Compreender que a saúde é um bem vital para o desenvolvimento de um país, como é o caso na grande maioria dos países europeus, é fundamental para desenvolver melhores ecossistemas de saúde.

A terceira razão é a pesquisa e a inovação. A Europa tem algumas das empresas farmacêuticas mais inovadoras do planeta. E, para isso, conta com uma legislação que reduz os tempos de acesso de medicamentos inovadores aos pacientes e protege a propriedade intelectual.

Nesta matéria, o exemplo da Espanha é relevante. Em 2022, autorizou mais de 900 ensaios clínicos com medicamentos, dos quais 86 %

foram promovidos por empresas farmacêuticas. O primeiro país do mundo em estudos clínicos são os Estados Unidos, com 38,8 %, seguido da China com 5,2 % e Espanha com 4,8 %, superando Japão e Alemanha, com 4,1 e 4,0 %, respectivamente (dados de 2020). O primeiro país latino-americano na lista é o Brasil, com 1,7 %, seguido da Argentina, com 1 %, superando o México, com 0,7 %.

O caso da Argentina também é marcante, pois nos últimos anos promoveu-se o crescimento da pesquisa clínica, com todos os benefícios que isso gera para um país: melhoria do emprego, dada a maior procura de profissionais e especialistas; redução dos custos assistenciais de pacientes atendidos em estudos clínicos, custeados por farmacêuticos; e pacientes que podem acessar medicamentos e tratamentos inovadores simultaneamente com os países mais desenvolvidos.

Concluindo, é um bom momento para trabalhar na construção de sistemas de saúde mais resilientes na América Latina. O segredo do sucesso: trabalho em equipe, pensamento de longo prazo, ver a saúde como investimento para o desenvolvimento, não como um gasto, e começar a fortalecer um ambiente de inovação que promova a pesquisa clínica, a proteção da propriedade intelectual e a redução do tempo de acesso a medicamentos inovadores para os pacientes.



# PIONEIROS do POSSÍVEL: a UE e a AMÉRICA LATINA, UNIDAS para DESENVOLVER DIREITOS DIGITAIS



**Enrique Goñi**

Presidente do Instituto Hermes / Espanha

A evidência é convincente. Existe um amplo consenso, tanto na União Europeia quanto nos países ibero-americanos, em considerar as tecnologias digitais um motor primordial de desenvolvimento. Também é irrefutável que este processo deve ser acompanhado de medidas que democratizem a digitalização e, ao mesmo tempo, protejam os cidadãos do uso indevido dessa inovação. É aí que entra o Instituto Hermes, que tem como missão identificar, divulgar e defender os direitos do cidadão no ambiente digital. É por isso que seguimos com grande expectativa a Declaração dos Direitos Digitais proclamada pela Comissão Europeia em dezembro de 2022 e também participamos das iniciativas que levaram Espanha e Portugal a serem os primeiros países europeus com uma Declaração de Direitos Digitais. Foi esse mesmo desejo de servir que nos levou a colaborar ativamente na elaboração da Carta Ibero-Americana dos Direitos Digitais aprovada em março passado na Cúpula Ibero-Americana na República Dominicana.

O documento europeu dá continuidade ao espírito promovido pelo ex-presidente do Parlamento Europeu, David Sassoli, em 2018 ao considerar o acesso à Internet como um novo direito humano. Ao afirmar que tudo o que é ilegal no mundo físico também deve ser ilegal no mundo digital, enfatiza os valores europeus e visa colocar a UE na vanguarda dos direitos digitais. Do outro lado do Atlântico, a Carta Ibero-Americana dos Direitos Digitais gira em torno da ideia de que todos os direitos e liber-

**“A missão do Instituto Hermes é identificar, divulgar e defender os direitos do cidadão no ambiente digital”**

dades fundamentais reconhecidos em nossas constituições e na Declaração Universal dos Direitos Humanos são garantidos no ambiente digital. A Carta significa a afirmação inequívoca de um princípio universal sem cuja aplicação a transformação digital mais cedo ou mais tarde estaria dissociada do desenvolvimento social e democrático: todas as pessoas têm direitos idênticos no ambiente digital e no analógico.

Além disso, a União Europeia, com iniciativas como a proposta de Lei da Inteligência Artificial, que seguramente será aprovada no segundo semestre deste ano, comprometeu-se a desenvolver um quadro normativo e vinculativo para os Estados-Membros que imponha o respeito pelos valores europeus, a dignidade da pessoa e os direitos fundamentais como marco de qualquer processo de transformação digital.

A Carta Ibero-Americana tem como base um princípio essencial: a centralidade da pessoa em qualquer processo de transformação digital. O primeiro compromisso da Carta é “promover a construção de uma Sociedade da Informação inclusiva, centrada nas pessoas e orientada para o desenvolvimento”. Desta forma, a Carta está

alinhada com os compromissos assumidos na Declaração da União Europeia e na Carta de Direitos Digitais da Espanha. Nenhum dos documentos citados tem valor normativo (exceto a Carta portuguesa), mas todos demonstram o compromisso incontornável de marcar um roteiro legislativo que inclua o respeito integral pelos direitos digitais, qualquer que seja o desenvolvimento da transição digital. A Declaração Europeia afirma que os Estados-Membros e a Comissão devem ter em conta os princípios e direitos digitais nela estabelecidos.

A Carta Ibero-Americana também aponta (de forma mais ampla porque o compromisso também alcança a sociedade civil e as empresas) afirmando que visa promover princípios comuns a serem levados em conta pelos Estados ao adotar ou adaptar a legislação nacional ou implementar políticas públicas relacionadas à proteção de direitos e ao cumprimento de deveres em ambientes digitais, bem como por empresas, sociedade civil e academia no desenvolvimento e aplicação de tecnologias, colocando as pessoas no centro da transformação digital.

Isso facilita a atualização completa e constante dos textos, que não precisam ser afetados pela passagem do tempo. A Carta Ibero-Americana expressa isso claramente ao afirmar que “a inovação tecnológica e os novos desenvolvimentos tecnológicos e científicos, como a inteligência artificial, as neurotecnologias ou a computação quântica, entre outros, colocam desafios que devem ser enfrentados garantindo os direitos das pessoas”, e assumem o compromisso de “abordar conjuntamente as questões associadas às tecnologias emergentes, bem como seu uso seguro, ético e responsável”.

Essa perspectiva, por outro lado, também é essencial. Todos os documentos a que me referi incluem uma menção, e não retórica, ao compromisso ético que deve inspirar o desenvolvimento tecnológico e a regulação. A Declaração Europeia é muito clara: as instituições europeias

aspiram a promover um caminho para a transição digital baseado nos valores europeus e nos direitos fundamentais da UE, centrado nas pessoas e reafirmando os direitos humanos universais, podendo ao mesmo tempo beneficiar do enorme impulso que a transformação digital oferece para uma melhor qualidade de vida e bem-estar das pessoas, crescimento econômico e sustentabilidade. Esta perspectiva positiva nunca deve ser perdida de vista.

E a Carta Ibero-Americana destaca que os países da região estão conscientes de que a transformação digital das economias é uma necessidade para fortalecer a capacidade dos países em direção ao desenvolvimento equilibrado, que permita reduzir e eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo, aumentar as capacidades e que esse esforço beneficie a sociedade como um todo. Após analisar as estratégias em curso na região ibero-americana, com destaque para o Peru, encontramos reiteradamente listados os direitos digitais básicos. Referimo-nos à acessibilidade universal, conectividade de banda larga, governo eletrônico ou proteção da privacidade.

A intersecção entre sustentabilidade e digitalização é uma área incipiente de atenção e, por exemplo, a CEPAL definiu a transformação digital com uma visão de desenvolvimento sustentável entre as prioridades da agenda de trabalho, e o Banco Mundial está reunindo parceiros dos setores público e privado para promover soluções digitais e acelerar a digitalização verde, resiliente e inclusiva nos países em desenvolvimento.

Portanto, a Ibero-América e a Europa decidiram assumir a liderança global e ser pioneiras no que é possível: construir o futuro da sociedade digital e maximizar as oportunidades que ela nos oferece, garantindo o respeito pelos direitos fundamentais.

# Os **DESAFIOS** da **SUSTENTABILIDADE** na **UE** e na **AMÉRICA LATINA PASSAM** pela **AMAZÔNIA**



**Helder Z. Barbalho**

Governador do Estado do Pará (Brasil) / Brasil

A confirmação oficial de que a cidade de Belém, capital do Estado do Pará, será a sede do COP-30 em 2025 (primeira vez que o maior e mais importante fórum internacional sobre clima será realizado na Amazônia) não é apenas motivo de alegria pelo sonho alcançado. Destaca a relevância da região sediar um evento histórico que definirá novos objetivos, práticas e políticas para o setor.

O mundo debate sobre a Amazônia, as ameaças que sofre e seu futuro. Estudiosos, pesquisadores, técnicos e políticos estão constantemente debatendo o assunto, tornando-o uma questão planetária. Nesse sentido, há algo mais simbólico do que discutir a Amazônia na Amazônia?

Os 6,7 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia estão divididos entre outros oito países, além do Brasil. São eles: Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. Mas 60 % das terras e águas amazônicas estão no Brasil. E aqui ocupam quase 59 % do território nacional e é onde vivem cerca de 38 milhões de pessoas, espalhadas por 808 municípios em nove estados: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Diante dessa monumental abrangência, seria natural que os países que abrigam a região amazônica interagissem periodicamente por meio de fóruns ou mesmo órgãos constituídos, em busca de mecanismos de

**“A selva amazônica será para sempre fonte de pesquisas e descobertas, desde que protegida e preservada em todo o seu esplendor. Isso implica desenvolvimento”**

defesa e desenvolvimento. Não é assim. E é preciso que essa prática seja frequente para que gere, assim, resultados positivos.

Para incorporar definitivamente a selva amazônica ao processo de desenvolvimento nacional, é urgente superar pensamentos e posicionamentos arraigados. Não deve ser apenas sinônimo de algo intocável, que não gera renda ou benefícios para seus habitantes e para o mundo inteiro.

A selva amazônica será para sempre fonte de pesquisas e descobertas, desde que protegida e preservada em todo o seu esplendor. Isso implica desenvolvimento. Quantas plantas da região, por exemplo, ainda são desconhecidas e quantas delas dariam origem a novos fármacos, novos cosméticos, novas cores para tecer, etc.? Seriam novos produtos inseridos no mercado, abrindo outras cadeias comerciais que, por sua vez, favoreceriam especialmente aqueles que vivem na majestosa selva e, por extensão, toda uma sociedade.

**“Entra em jogo a bioeconomia, a venda de créditos de carbono, tão importante para as economias europeias. São as mercadorias recentes e, em certo sentido, revolucionárias do planeta”**

Por outro lado, é sabido que a pobreza se consolida, estratifica e se expande quando se perdem as oportunidades de atuar na vanguarda do conhecimento. Desenvolver com sustentabilidade é a palavra de ordem e deve estar no centro da agenda da União Europeia e da América Latina.

Não é por acaso que a bioeconomia, a venda de créditos de carbono, tão importante para as economias europeias, entra em jogo nessa perspectiva. São as mercadorias recentes e, em certo sentido, revolucionárias do planeta. É um apoio considerável para manter a floresta em pé (viva, garantindo sua plenitude e vigor) e um estímulo para um negócio enorme e crescente. As consultorias internacionais estimam que as transações no mercado de carbono em 2021 ultrapassem 2 bilhões de dólares, quatro vezes mais que no ano anterior. As projeções são tão otimistas que a consultoria global McKinsey estimou recentemente que as transações no segmento chegarão a 50 bilhões de dólares em 2030.

No entanto, são inúmeros os fantasmas que ainda atrapalham as ações modernizadoras. Desde a falta de legislação efetiva e transparente sobre o assunto até a implementação de um marco legal para o setor. Sem esquecer os fantasmas mais perigosos e ameaçadores: o desmatamento e a mineração ilegais.

Contra isso, a única medida a ser adotada pelo Estado é o combate constante, com intolerância, rigor e inteligência, no marco estabelecido pela lei.

Os bandidos, geralmente armados e violentos, fazem parte de cartéis poderosos e influentes, com ramificações em diversas esferas da vida nacional, inclusive no Congresso Nacional. Não respeitam a legislação, nem as reservas indígenas, nem as árvores centenárias. Não há limites para eles.

Felizmente, o atual governo não apenas mudou completamente a política seguida, mas está agindo com firmeza e destemor contra esses fantasmas. Está acabando com o desmatamento ilegal e a mineração, parando os tratores e motosserras, parando os equipamentos de mineração, parando a invasão de terras indígenas.

Os povos indígenas constituem um capítulo muito especial na Amazônia. Nenhuma sociedade pode prescindir dos povos indígenas em hipótese alguma. Os países onde foram extintos lamentam até hoje e, repetidas vezes, pedem o perdão por terem praticado essa política absurda e injustificável de limpeza étnica, desprezando o conhecimento, a sabedoria e as culturas antigas. Isso é crime, não há outra palavra para defini-lo. Mas o perdão, como sabemos, não resolve o que já não tem solução.

A civilização tem que perceber, de uma vez por todas, que o Brasil e a América Latina não precisam apenas crescer com indústrias modernas e inovadoras, agronomia qualificada, rebanhos qualificados, cidades bem equipadas, infraestrutura adequada e muitas outras coisas. Também é essencial assimilar plenamente que a selva não é um lugar para perder seus benefícios e acabar devastada.

Que seus habitantes originais não são seres inferiores que nada têm a ensinar aos chamados civilizados. Essa visão deve ser (e certamente será) compartilhada no diálogo entre a União Europeia e a América Latina.

Uma nação do tamanho do Brasil não abre mão de uma selva de tamanha grandeza. A selva amazônica continuará viva, exuberante, nos tempos vindouros. E não há dúvida de que para isso contamos com a comunidade internacional.

**“O Brasil não abre mão de uma selva de tamanha grandeza. A selva amazônica continuará viva, exuberante, nos tempos vindouros. E não há dúvida de que para isso contamos com a comunidade internacional”**

Passamos por tempos sombrios e dolorosos, nos quais até a natureza redonda da Terra foi negada. Mas esse período está encerrado e enterrado. Agora vivemos a reconstrução da vida e a reafirmação de que, sim, a Terra é redonda.

Para nós brasileiros e para a comunidade internacional, a COP-30 será o marco de um novo ciclo para a região e para o mundo. Aqueles que se dizem preocupados com a Amazônia virão aqui para discutir conosco como será a Amazônia de amanhã. Eles viverão in loco um pouco da fascinante complexidade da Amazônia.

É muito conhecida a expressão de que a Amazônia é o pulmão do mundo. Prefiro expressar de outra forma: nós, aqui, respiramos Amazônia.



# A **CREATOR ECONOMY** CRESCE na **AMÉRICA LATINA** e **OFERECE OPORTUNIDADES** para a **UE**



**Leandro Conti**

Diretor Sênior de Comunicação e Marketing & Relações Exteriores da Hotmart / Brasil

Um novo setor econômico, com pouco mais de dez anos, acelera a democratização do conhecimento e a inclusão social. Além disso, oferece grandes oportunidades para aproximar a UE, principalmente Espanha e Portugal, da América Latina e gerar receitas significativas. Estamos falando da chamada *creator economy*, a economia dos criadores de conteúdo.

Tudo começou há quase vinte anos, com o surgimento das redes sociais. Desde o seu surgimento, as pessoas deixaram de depender da proximidade geográfica para conhecer, conectar e interagir com outras pessoas ou com temas de seu interesse. Passamos a viver na chamada “aldeia global”, limitada apenas pelas diferentes línguas. Mesmo assim, com mais de 500 milhões de falantes de espanhol no mundo e 260 milhões de falantes de português, as possibilidades se multiplicaram.

O avanço da tecnologia, o rápido acesso à Internet e o aumento do uso de celulares ampliaram as possibilidades de conexão, que hoje podem ser realizadas por voz e vídeo, bem como pelo meio original, o texto. Aos poucos, as pessoas perceberam que tinham literalmente os meios de comunicação em suas mãos, com ferramentas semelhantes ao rádio, à televisão ou aos jornais, e que podiam usá-los para divulgar histórias e opiniões de forma livre e independente. Além disso, os criadores de conteúdo viram pessoas que nem os conheciam, mas que se interessaram por seu estilo ou mensagem, começaram a segui-los e a interagir com

**“Os criadores de conteúdo viram que as pessoas interessadas em seu estilo ou mensagem, começaram a segui-los e a interagir com suas postagens, criando assim suas próprias comunidades”**

suas postagens, criando assim suas próprias comunidades. Foi o início do que chamamos de influência das redes.

O fenômeno das redes sociais, de abrangência mundial, tem tido uma forte adoção na América Latina. Os dados do GWI para 2021 apontam a região como o maior consumidor global de mídia, com mais de 14 horas diárias de consumo, sendo a dedicada às redes sociais três horas e meia. Cerca de 85 % da população da região está conectada à Internet. Com tanta exposição e audiência, foi natural migrar da publicidade tradicional para este ambiente, aproveitando as oportunidades de segmentação de público em escala que a tecnologia possibilita. No entanto, a essa altura, o consumidor tinha a opção de escolher em qual mensagem se expor e em quem confiar, principalmente no que diz respeito às recomendações de compra. Além disso, na maioria dos casos, as pessoas preferem marcas e meios de comunicação tradicionais. O relatório da Pesquisa Global do Consumidor Statista 2021 indica que 41 % dos brasileiros,

29 % dos mexicanos e 20 % dos colombianos já compraram produtos recomendados pelos chamados influenciadores.

Alimentadas por tanto interesse e oportunidade, essas personalidades estão se multiplicando em todo o mundo. A consultoria Signal Fire estima que existam cerca de 50 milhões de influenciadores no mundo, e que dois milhões deles sejam considerados profissionais em tempo integral. Alguns dos outros, mesmo que sejam meros torcedores, conseguem gerar parte de sua renda por meio dessa atividade. Além disso, 77 % delas geram sua receita por meio de convênios com marcas, principalmente por meio de postagens patrocinadas.

No entanto, as maiores oportunidades se abrem para os 12 % que monetizam seu conteúdo diretamente com seu público. Como fazem isso? Vendendo produtos físicos com sua própria marca, trabalhando como distribuidor associado de produtos físicos ou digitais por comissões, com contribuições e doações de seu público, e vendendo conteúdo ou cursos online diretamente para o seu público. Essa categoria estende as atividades de um “simples influenciador” às de um profissional que se relaciona diretamente com seus seguidores para vender seus produtos. Na linguagem de hoje, essas pessoas se tornam criadoras. Ao mesmo tempo, também atuam como empreendedores, pois é preciso começar a gerenciar outros aspectos além do conteúdo em si, como estratégia de vendas, gama de produtos, precificação e atendimento ao cliente, por exemplo. Os criadores agora têm maior controle de seus dados e de seu público. Eles não dependem mais de algoritmos de redes sociais ou campanhas de marcas incertas para obter receita. Para isso, procuram empresas especializadas que os auxiliem na gestão de seus negócios. Uma das maiores é a Hotmart, plataforma global com mais de 135 mil clientes, que já ultrapassou USD 1 bilhão em vendas. Fundada no Brasil em 2011, a empre-

sa mudou sua sede para Amsterdã (Holanda) quando iniciou sua expansão internacional. Em 2016, abriu seu primeiro escritório internacional na Espanha. Em 2017 chegou à Colômbia. E, em 2018, no México. Desde então, os clientes de língua espanhola tiveram um crescimento significativo, e mais de 50 % de suas vendas são feitas para outros países, estabelecendo suas taxas e pagamentos em dólares ou euros, transformando assim a vida de muitos desses empreendedores.

Entre os muitos exemplos de criadores de grande sucesso está o fotógrafo espanhol Kike Arnaiz, especializado em fotografia de viagens. Com 340 mil seguidores no Instagram, onde é @kikearnaiz, já vendeu seu conhecimento para mais de dez mil alunos, muitos deles radicados na América Latina. O colombiano Andrés Franklin, por sua vez, ensina inglês como segunda língua e já atingiu a marca de 2 mil cursos vendidos para 16 países diferentes. Além disso, ao mesmo tempo, realizou o sonho de morar nos Estados Unidos, de onde dirige seus negócios. O canal @andreseningles tem mais de 650 mil inscritos no YouTube e atinge mais de 2 milhões de pessoas no TikTok.

Para quem quer participar da *creator economy*, mesmo com uma audiência pequena nas redes sociais, há muita demanda por conhecimento online nos nichos de finanças, fitness, idiomas, marketing digital, estética e gastronomia, entre tantos outros campos. Os criadores da UE com conteúdo diferenciado e de alto valor podem, independentemente de seu idioma nativo, vender globalmente, inclusive com foco na América Latina, onde a demanda de compradores cresceu 70 % ao ano desde 2018. Estima-se que a *creator economy* já movimentou mais de 100 bilhões de dólares americanos por ano globalmente e que, segundo o Goldman Sachs, pode dobrar de tamanho até 2027.

# SOLUÇÕES de REDE para um PROBLEMA COMUM: a PESCA ILEGAL



**Daniel F. Runde**

Vice-presidente Sênior do Center for Strategic and International Studies (CSIS) / Estados Unidos

O aumento da pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (IUU, por seu sigla em inglês) é um desafio global complexo e crescente que afeta os negócios, o meio ambiente e a segurança nacional. Um estudo de 2015 do Fundo Mundial para a Natureza descobriu uma redução de, aproximadamente, 50 % na vida marinha nos últimos 50 anos. À medida que os consumidores aumentam a ingestão de peixe em todo o mundo, os estoques globais de peixe estão atingindo níveis de crise. Os impactos da pesca IUU afetam a todos nós, mas têm um efeito particularmente negativo nas comunidades costeiras da América Latina, Ásia e África. A pesca IUU prejudica os esforços para uma pesca responsável e está ligada ao trabalho forçado, tráfico de seres humanos, insegurança alimentar, bem como tráfico de armas e drogas. A pesca IUU pode assumir muitas formas. Desde pequenos barcos que se aventuram nas águas de países vizinhos ou informam erroneamente suas capturas, até os esforços coordenados de grupos transnacionais do crime organizado. A gestão e o enfrentamento desse flagelo exigem uma maior cooperação entre essas regiões. Algumas abordagens comuns para a ação coletiva na pesca IUU incluem: (1) legislação e conformidade, (2) cooperação internacional, (3) rastreabilidade e transparência e (4) capacitação e suporte.

O cenário da pesca IUU tem mudado na última década. Primeiro, há a questão da geopolítica. Vários estudos descobriram que

**“A pesca INN têm um efeito particularmente negativo na América Latina, Ásia e África. Está ligada ao trabalho forçado, tráfico de seres humanos, insegurança alimentar, bem como tráfico de armas e drogas”**

as empresas chinesas envolvidas nesta atividade desempenham um papel importante. Mas a pesca ilegal também é perpetrada por uma ampla variedade de atuantes da América do Norte, América Latina e Europa. Em segundo lugar, tem havido um crescente reconhecimento de que ela é perpetrada não apenas por capitães e suas embarcações, mas também por executivos de negócios, funcionários públicos, advogados, contadores e outros profissionais administrativos. Em terceiro lugar, tem havido uma sensibilidade muito maior entre o público ocidental. Por exemplo, em 2021, uma pesquisa encomendada pela Oceana descobriu que 75 % dos americanos querem saber mais sobre o peixe que comem e 89 % querem que todos os frutos do mar pescados atendam aos padrões dos EUA. Em quarto lugar, as tecnologias de rastreabilidade e a transparência estão melhorando e pressionando mais os tomadores de decisão, as empresas e as autoridades.

## “A cooperação é essencial para combater a pesca IUU e os acordos regionais visam fortalecer a cooperação para responder à ameaça representada por ela”

Várias novas tecnologias têm o potencial de gerenciar melhor ou mesmo interromper a pesca IUU. Muitas organizações têm explorado e implementado inteligência artificial, tecnologias *blockchain* e análise de dados para combatê-la. Por exemplo, a tecnologia *blockchain* foi usada para permitir registros de transações seguros e transparentes. Os drones e satélites também são usados para monitorar a pesca IUU, sendo que o primeiro oferece uma opção de baixo custo e o último ajuda a melhorar a vigilância e a fiscalização, rastreando os movimentos das embarcações e detectando atividades potenciais de pesca ilegal. Com toda essa vasta quantidade de dados sendo registrados e coletados, algoritmos de inteligência artificial e aprendizado de máquina são usados para analisar grandes volumes de dados. Outras novas tecnologias incluem técnicas de código de barras de DNA usadas para identificar espécies, a fim de verificar a precisão da rotulagem de frutos do mar e evitar rotulagem incorreta de peixes capturados na pesca não regulamentada.

Dada a crescente preocupação com a pesca IUU, iniciativas notáveis foram implementadas na Europa, América do Norte e América Latina. Os Estados Unidos têm interesse em combater esta atividade ilegal. É o maior mercado e o quinto maior exportador de

peixe e produtos de pesca, bem como o terceiro maior de marisco selvagem. O combate à pesca ilegal conta com o apoio bipartidário dos Estados Unidos e agora é vista pela perspectiva da grande competição de poder com a China e a Rússia. Em 2020, a Guarda Costeira dos EUA nomeou a pesca INN como a principal ameaça à segurança marítima nacional. O Congresso incluiu iniciativas para prevenir a pesca ilegal e o trabalho forçado no setor de pesca e frutos do mar e deu ferramentas adicionais ao governo para detectar frutos do mar capturados ilegalmente em sua Lei de Autorização de Defesa Nacional anual de 2022.

O Canadá também tem uma série de iniciativas que implementou para lidar com a pesca IUU, como a Lei de Pesca e o Programa de Observação de Pesca, que contribuem para a fiscalização contra a ilegalidade.

A cooperação é essencial para combater a pesca IUU e os acordos regionais visam fortalecer a cooperação para responder à ameaça representada por ela. Para a América Latina, é uma grande preocupação devido aos vastos recursos marinhos da região e ao impacto que a pesca ilegal tem nas economias e ecossistemas locais, além das conexões que tem com outras atividades ilegais. Muitos países latino-americanos participam de Organizações Regionais para o Ordenamento Pesqueiro (OROPs) que trabalham para estabelecer medidas de conservação e gestão.

Do outro lado do Atlântico, a União Europeia (UE) também implementou várias iniciativas para abordar a pesca IUU dentro e fora dos seus estados-membros. Em 2008, a UE implementou um quadro legal abrangente conhecido como o Regulamento IUU que es-

tabelece medidas para impedir as atividades de pesca IUU. As medidas do regulamento incluem rastreabilidade de embarcações, documentação de captura e procedimentos de controle e inspeção para frutos do mar importados.

**“A questão da pesca ilegal está aumentando na agenda global em parte por causa da grande competição de poder e em parte porque um número crescente de estoques de peixes está atingindo seus limites”**

As iniciativas da UE informaram e ajudaram a moldar as políticas de seus membros, como Espanha, Itália e Portugal. Esses três países também cooperaram ativamente em várias OROPs, como a Comissão Internacional para a Conservação dos Atuns do Atlântico e a Organização de Pesca do Noroeste do Atlântico.

A questão da pesca ilegal está aumentando na agenda global em parte por causa da grande competição de poder e em parte porque um número crescente de estoques de peixes está atingindo seus limites. A resposta à pesca IUU está passando por uma revolução tecnológica que impulsiona maior transparência e rastreabilidade. Não há navios de guarda costeira suficientes no mundo para policiar totalmente os vastos oceanos, mas a pesca IUU requer soluções em rede e parcerias com várias partes interessadas.



# A **CULTURA: CHAVE** para um **RELACIONAMENTO HORIZONTAL**



**Marina Artusa**

Correspondente do *Clarín* na Espanha / Argentina

Nas duas margens do oceano que separa a Europa da América Latina ocorre uma coincidência: é chegada a hora da relação transatlântica ser uma prioridade para ambas as regiões e a Presidência do Conselho da União Europeia que a Espanha terá em mãos durante o segundo semestre de 2023 é a oportunidade valiosa para que isso aconteça.

É também uma oportunidade que não deve ser desperdiçada para superar a assimetria milenar que os quadros de cooperação oferecem, quase por padrão, a uma relação por vezes paternalista, hierárquica e vertical que a Europa tendia a exercer com os países latino-americanos.

Quase ninguém duvida que a involuntária situação pós-pandêmica e de guerra acelera a refundação desse vínculo, que pode encontrar na cultura a única janela possível, por enquanto, para a horizontalidade que a América Latina exige.

Fora da rigidez dos caminhos institucionais, o foco na dimensão cultural permite um olhar mais transversal sobre a forma como a América Latina e a Europa se tratam sem formalidades. E seria maravilhoso se eles pudessem continuar fazendo isso.

Talvez porque gerenciar a cultura fora das vias institucionais permite evitar a burocracia.

Ou talvez porque a vitalidade resiliente de uma terra castigada ciclicamente por pra-

**“O foco na dimensão cultural permite um olhar mais transversal sobre a forma como a América Latina e a Europa se tratam sem formalidades. E seria maravilhoso se eles pudessem continuar fazendo isso”**

gas políticas e econômicas que deixam feridas e cicatrizes no seu tecido social, como a América Latina, se traduz cada vez mais em iniciativas artísticas que brilham na Europa e reforçam uma tendência: a cultura é a área em que melhor se aplica a transversalidade almejada pelos latino-americanos que apostam em um amplo multilateralismo com os europeus, mesmo evitando os tiques da globalização.

Prêmios literários, curadorias nos principais espaços das artes plásticas, palmas em festivais de cinema e em shows: o intercâmbio e consagração de vozes latino-americanas na Europa e perspectivas europeias nos países da América Central e do Sul já falam de uma abordagem estratégica de integração em que o paradigma é o dos iguais.

Também fazem parte da faceta multicultural que define as sociedades de nosso tempo.

**“ Não é de estranhar que o espaço onde se encontram mais programas de cooperação ibero-americana seja precisamente, por seu caráter transversal, da cultura ”**

“Estou pleno com a Espanha”, disse, por exemplo, o poeta venezuelano Rafael Cadenas, quando em abril deste ano recebeu em Madri o Prêmio Cervantes 2022, a mais alta distinção de letras em espanhol.

Ou o “Sempre me sinto um latino-americano em Barcelona” do catalão Joan Manuel Serrat, que reservou cinco shows em Buenos Aires em sua turnê mundial de despedida de Buenos Aires, cidade que o cantor mais pôde desfrutar naquela despedida.

A América Latina não deve ser apenas um fornecedor confiável que permita à Europa se desvencilhar cada vez mais de certas dependências de potências politicamente incorretas, como a Rússia hoje, ou perigosamente em ascensão, como a China.

Não é de estranhar que o espaço onde se encontram mais programas de cooperação ibero-americana seja precisamente o da cultura. Pela sua transversalidade na hora de gerar um capital social de coesão entre as comunidades que compartilham, por exemplo, laços históricos como a Europa e a América Latina.

Por outro lado, a dimensão cultural é, quase exclusivamente, o que permite a superação do imaginário latino-americano que vê no horizonte europeu a estabilidade e o abrigo

que quase nunca conseguiu em casa, aquela região mais agreste do que macia e que continua a ser a terra mais desigual do planeta.

Formais ou informais, as políticas de cooperação cultural são, por natureza, horizontais. Também apostam no benefício mútuo e na troca enriquecedora para ambas as margens.

Em *Desafios das relações culturais entre a União Europeia e a América Latina e o Caribe*, publicação financiada pelo programa de pesquisa e inovação Horizonte 2020 da União Europeia, o diagnóstico do intercâmbio cultural entre os dois continentes levanta arestas que, à primeira vista, podem passar despercebidas.

“Assumimos as relações culturais entre a União Europeia e a América Latina e o Caribe sem considerar a elaboração de uma ideologia e o efeito que ela tem em nossa percepção”, diz o artista plástico mexicano e curador Francisco Guevara, especialista em gestão e planejamento de projetos, cooperação no domínio da educação, da ciência e da cultura. “Muitas vezes, as trocas culturais podem incorporar uma representação fantasiosa de troca mútua e reciprocidade, e a cooperação torna-se então cooptação e apropriação, especialmente em residências artísticas onde a localidade e a mobilidade desempenham esse papel”, acrescenta.

Guevara destaca um aspecto interessante: “Por isso, qualquer debate sobre mobilidade ou intercâmbio cultural, entre a União Europeia, ou mesmo os Estados Unidos, e a América Latina e o Caribe ficará incompleto se não forem consideradas as implicações ideológicas”, diz. Os efeitos da ideologia são profundos e multidirecionais, afetando a todos, especialmente quando várias ideologias se cruzam para criar diferentes percepções sobre gênero, classe, raça, cultura, etc., em um

determinado lugar e contexto". Deliciosamente exagerado e teatral, o escritor e jornalista canário Juan Cruz costuma dizer, por exemplo, que "sem o *boom* latino-americano, hoje seríamos outros".

**“Foi ativado um redesenho da relação entre América Latina e Europa em que ambas as regiões se olham nos olhos e se colocam no mesmo degrau”**

E apesar de hoje se questionar o termo *boom* que definiu o fenômeno literário e editorial dos anos 1960, é inquestionável que o realismo mágico daquela literatura escrita por poucos ungidos (como se fez sentir o colombiano Gabriel García Márquez, o argentino Julio Cortázar, o peruano Mario Vargas Llosa, o mexicano Carlos Fuentes ou o chileno José Donoso, entre outros) marcaram por alguns anos o pulso da literatura dos dois lados do Atlântico.

Aquele exotismo do gene latino-americano que poderia ser atraente por ser distante e improvável em uma Europa pragmática estava dando lugar a uma interação mais simétrica, facilitada por agentes culturais que estavam ativando um redesenho da relação entre América Latina e Europa em que ambas as regiões se olham nos olhos e se colocam no mesmo degrau.

“Diferentemente iguais”, promovia aquela primeira campanha de cooperação cultural que, em 2017, a Secretaria Geral Ibero-Americana lançou nos 22 países que a compõem. Que a relação transatlântica reflita europeus e latino-americanos tão diferentes quanto iguais. Trata-se disso.

# BUSCANDO a CONFIANÇA para GOVERNAR



**Erika Mouynes**

Ex-Ministra das Relações Exteriores do Panamá e Fellow de Harvard / Panamá

A América Latina tem hoje um rosto de descontentamento e decepção. São cada vez mais frequentes as imagens de cidadãos desesperados que saem às ruas, frustrados porque suas necessidades mais básicas não foram atendidas. Água potável. Eletricidade. Progresso. Todas as promessas que nunca foram cumpridas. Esperanças que desapareceram quando o líder no poder assumiu o cargo.

A intensidade e a frequência desses incidentes na última década não respondem ao descontentamento de um povo específico, mas refletem um problema maior e sistêmico: a falha institucional generalizada que não melhorou a qualidade de vida na região.

Nos últimos anos, a diferença de desigualdade na América Latina aumentou. À luz das afetações globais, a América Latina está fracassando. No caso da pandemia, sua falta de investimento em infraestrutura de saúde pública foi exposta, deixando mais mortes per capita do que em qualquer outro lugar do mundo.

Esse fracasso regional em alcançar a melhoria desejada nos padrões de vida se traduz no índice de confiança mais baixo do mundo. Apenas 2 em cada 10 pessoas responderam que confiam no governo. Pior ainda, a pouca confiança que tende a ser gerada durante as campanhas eleitorais, carregada de esperança, mudança e promessas, desaparece rapidamente. O capital social dos governos recém-empossados não dura mais de 100 dias.

**“Quando os cidadãos confiam em seus governos, eles pagam seus impostos, respeitam a autoridade, participam, sentem-se responsáveis por suas comunidades e aceitam melhor as mudanças nas políticas públicas”**

No mundo corporativo, tem sido mais fácil reconhecer o valor da confiança e quantificá-la. Um relatório da Deloitte de 2022 compartilha exemplos de grandes empresas globais que perderam entre 20 % e 56 % de seu valor - o equivalente a cerca de US\$ 70 bilhões - quando perderam a confiança de seu mercado. Assim, tem havido uma tendência crescente no mundo dos negócios para construir e reconstruir essa confiança em suas organizações.

São os líderes políticos da América Latina, e talvez até mesmo os líderes de todo o mundo, que não conseguem entender e valorizar o poder da confiança. Mas o benefício para os governos que são vistos como confiáveis é definidor. Quando os cidadãos confiam em seus governos, eles pagam seus impostos, respeitam a autoridade, participam, sentem-se responsáveis por suas comunidades e aceitam melhor as mudanças nas políticas

públicas, desde que sejam coerentes com suas aspirações.

Desde Harvard, realizei uma extensa pesquisa sobre como medir, gerenciar e, se necessário, restaurar a confiança. Pois embora, como no mundo dos negócios, a confiança possa desaparecer em um instante, ela também pode ser restaurada. Temos muitos exemplos de casos recentes em que, com um gerenciamento determinado e sustentado, a credibilidade e a confiança foram restauradas. No entanto, isso leva tempo. Tempo e comprometimento.

Isso requer a compreensão de que a forma como nos relacionamos com nosso ambiente sofreu mutações. As inovações tecnológicas, a forma como as informações são disseminadas, como os indivíduos percebem o papel do governo e suas expectativas mudaram. Até mesmo comunidades remotas de povos indígenas agora têm telefones celulares. Mais importante ainda, a maneira como os cidadãos se identificam com seus governantes e os motivos pelos quais depositam sua confiança neles também mudaram.

Os índices históricos que foram usados para medir a confiança no governo se basearam em um número limitado de princípios - como integridade, competência e senso de justiça - e em métricas que não refletem a forma como os indivíduos atuam na sociedade e suas percepções sobre o governo atualmente. Um estudo recente de Edward Glaeser, de Harvard, estabeleceu que as pesquisas tradicionalmente usadas para medir a confiança não são eficazes. Ou seja, aqueles que respondem que confiam no governo não têm atitudes que evidenciem essa confiança, e o inverso é verdadeiro.

A confiança é um conceito profundamente subjetivo e, como tal, é facilmente interpretada

**“As inovações tecnológicas, bem como as novas maneiras pelas quais os indivíduos fazem parte da sociedade, exigem métricas novas e atualizadas para avaliar o sentimento social”**

de diferentes maneiras, o que representa um desafio para sua medição e avaliação. Nesta pesquisa, estamos buscando desenvolver novas métricas que, apoiadas por modelos computacionais complexos, procuram refletir o que desenvolve e estabelece a confiança. Um exemplo simples é o valor atribuído atualmente à percepção de autenticidade. Nos estudos de caso que analisamos, os líderes que usam um método de comunicação que pode ser entendido como natural e simples alcançam índices mais altos de confiança. O mesmo se aplica ao perfil dos líderes, historicamente distantes e inatingíveis. Uma vez no poder, costumava-se esperar que governassem “de cima”, à distância. Hoje, a proximidade e a proximidade são necessárias para estabelecer um propósito compartilhado com a sociedade a que servem e para criar confiança.

O chamado pêndulo da política entre a esquerda e os conservadores da América Latina não está acontecendo na prática. O que temos é um mar de cidadãos frustrados e insatisfeitos que procuram confiar em um lado ou no outro. As inovações tecnológicas, bem como as novas maneiras pelas quais os indivíduos fazem parte da sociedade, exigem métricas novas e atualizadas para avaliar o sentimento social. A confiança, devidamente compreendida e valorizada, é a ferramenta poderosa para obter apoio para a implementação das mudanças estruturais que a América Latina exige.



# Prêmios

conquistados pela UNO



**COMMUNICATOR  
AWARDS 2020**  
*(Online video: Writing)*



**INTERNATIONAL  
BUSINESS AWARDS 2020**  
*Best House Organ (internal publication)  
for General Audience*



**SILVER WINNER**  
*na categoria  
Best House Organ*

**PREMIOS  
EIKON**

**EIKON DE PLATA 2016**  
*na categoria Publicações  
Institucionais - Multimedia*



**2016 AWARD  
OF EXCELLENCE**  
*na categoria  
Websites - Magazine*



**SILVER WINNER**  
*na categoria  
Design - Illustration*



**GRAND WINNER**  
*Best of Magazines  
Overall Presentation*



**GOLD WINNER**  
*na categoria  
Best House Organ*

# LLYC

A LLYC (BME:LLYC) é uma empresa global de consultoria de comunicação, marketing digital e assuntos públicos que ajuda os clientes a enfrentar desafios estratégicos com soluções e recomendações com base na criatividade, tecnologia e experiência, para reduzir riscos, aproveitar oportunidades e cuidar do impacto à reputação. No atual contexto confuso e incerto, a LLYC ajuda seus clientes a alcançar suas metas de negócios no curto prazo e traçar uma rota, com visão de médio e longo prazo, para defender sua licença social de modo a operar e aumentar seu prestígio.

Ao completar 15 anos de atuação no Brasil, a empresa é a única no segmento de consultorias e assessorias de comunicação no país a ter um Conselho Consultivo. A LLYC está cotada na bolsa de valores alternativa espanhola, a BME Growth. Atualmente, a empresa tem 21 escri-

tórios na Argentina, Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro), Colômbia, Chile, Equador, Espanha (Madri e Barcelona), Estados Unidos (Miami, Nova York, São Diego e Washington, DC), México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana. A empresa também presta seus serviços por meio de companhias afiliadas nos demais mercados da América Latina.

As duas publicações líderes do setor classificam a LLYC entre as mais importantes empresas de comunicação do mundo. A empresa é número 39 em receita em todo o mundo, de acordo com o Relatório de Negócios de Agências Globais da PRWeek 2023 e está classificada em 40 no Ranking Global de 2023 da PRovoke. A LLYC foi eleita Melhor Consultoria de Comunicação na Europa 2022 no PRWeek Global Awards e Consultoria de Comunicação do Ano na América Latina pelo International Business Awards 2021.

## Madrid

Lagasca, 88 - planta 3  
28001 Madrid, España  
Tel. +34 91 563 77 22

## Barcelona

Muntaner, 240-242, 1º-1ª  
08021 Barcelona, España  
Tel. +34 93 217 22 17

## Lisboa

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.  
1250-142 Lisboa, Portugal  
Tel. +351 21 923 97 00

## Miami

600 Brickell Avenue, Suite 2125  
Miami, FL 33131  
United States  
Tel. +1 786 590 1000

## Nueva York

3 Columbus Circle, 9th Floor  
New York, NY 10019  
United States  
Tel. +1 646 805 2000

## Washington D.C.

1025 F st NW 9th Floor  
Washington D.C. 20004  
United States  
Tel. +1 202 295 0178

## Ciudad de México

Av. Paseo de la Reforma 412  
Piso 14, Colonia Juárez  
Alcaldía Cuauhtémoc  
CP 06600, Ciudad de México  
Tel. +52 55 5257 1084

## Panamá

Sortis Business Tower  
Piso 9, Calle 57  
Obarrio - Panamá  
Tel. +507 206 5200

## Santo Domingo

Av. Abraham Lincoln 1069  
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7  
Suite 702, República Dominicana  
Tel. +1 809 6161975

## San José

Del Banco General 350 metros oeste  
Trejós Montealegre, Escazú  
San José, Costa Rica  
Tel. +506 228 93240

## Bogotá

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4  
Bogotá D.C. - Colombia  
Tel. +57 1 7438000

## Lima

Av. Andrés Reyes 420, piso 7  
San Isidro, Perú  
Tel. +51 1 2229491

## Quito

Avda. 12 de Octubre N24-528 y  
Cordero - Edificio World Trade  
Center - Torre B - piso 11  
Ecuador  
Tel. +593 2 2565820

## Sao Paulo

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111  
Cerqueira César SP - 01426-001  
Brasil  
Tel. +55 11 3060 3390

## Rio de Janeiro

Rua Almirante Barroso, 81  
34º andar, CEP 20031-916  
Rio de Janeiro, Brasil  
Tel. +55 21 3797 6400

## Buenos Aires

Av. Corrientes 222, piso 8  
C1043AAP, Argentina  
Tel. +54 11 5556 0700

## Santiago de Chile

Avda. Pdte. Kennedy 4.700,  
Piso 5, Vitacura  
Santiago  
Tel. +56 22 207 32 00  
Tel. +562 2 245 0924

**APACHE**  
parte de LLYC

Arturo Soria 97A, Planta 1  
28027, Madrid, España  
Tel. +34 911 37 57 92

**CHINA**  
parte de LLYC

Velázquez, 94  
28006, Madrid, España  
Tel. +34 913 506 508

**BESO**  
by LLYC

El Salvador 5635, Buenos Aires  
CP. 1414 BQE, Argentina

Av. Santa Fe 505, Piso 15,  
Lomas de Santa Fe,  
CDMX 01219, México  
Tel. +52 55 4000 8100

**BAM**  
by LLYC

702 Ash Street, Unit 100,  
San Diego, CA 92101, US  
United States

# Direção Geral

## José Antonio Llorente

Sócio Fundador e Presidente  
jallorente@llorenteycuenca.com

## Alejandro Romero

Sócio e CEO Américas  
aromero@llorenteycuenca.com

## Luisa García

Sócia e Chief Operating Officer Global  
lgarcia@llorenteycuenca.com

## Arturo Pinedo

Sócio e Chief Client Officer Global  
apinedo@llorenteycuenca.com

## Tiago Vidal

Sócio e Chief Talent y Technology  
Officer Global  
tvidal@llorenteycuenca.com

## José Manuel Casillas

Diretor Sênior de TI Global  
jmcasillas@llorenteycuenca.com

## Marta Guisasaola

Sócia e Chief Financial Officer  
mguisasaola@llorenteycuenca.com

## Joan Navarro

Sócio e Vice-Presidente  
de Assuntos Públicos Global  
jnavarro@llorenteycuenca.com

## Albert Medrán

Diretor Global de Marketing,  
Comunicação e ESG  
amedran@llorenteycuenca.com

## Juan Pablo Ocaña

Diretor Sênior de Legal & Compliance  
jpocana@llorenteycuenca.com

# Europa

## Luis Miguel Peña

Sócio e CEO Europa  
lmpena@llorenteycuenca.com

## Gina Rosell

Sócia e Diretora Sênior de Healthcare  
Europa  
grosell@llorenteycuenca.com

## Rafa Antón

Chief Creative Officer Europa  
Cofundador e Diretor Geral de  
Criação da CHINA parte da LLYC



rafa.anton@chinapartedellyc.com

## MADRID

### Jorge López Zafrá

Sócio e Diretor Geral Madrid  
jlopez@llorenteycuenca.com

### Amalio Moratalla

Sócio e Diretor Sênior Esporte  
e Estratégia de Negócio  
amoratalla@llorenteycuenca.com

### Iván Pino

Sócio e Diretor Sênior de Crise  
e Riscos  
ipino@llorenteycuenca.com

## Marta Aguirrezabal

Sócia-fundadora e diretora-executiva



marta.aguirrezabal@chinapartedellyc.com

## Pedro Calderón

Sócio Fundador e Diretor Executivo



pedro.calderon@chinapartedellyc.com

## BARCELONA

### María Cura

Sócia e Diretora Geral  
mcura@llorenteycuenca.com

### Oscar Iniesta

Sócio e Diretor Geral  
oiesta@llorenteycuenca.com

## LISBOA

### Marlene Gaspar

Diretora Geral  
mgaspar@llorenteycuenca.com

# Américas

## Juan Carlos Gozzer

Sócio e CEO América Latina  
jgozzer@llorenteycuenca.com

## Javier Marín

Diretor Sênior Healthcare  
Américas  
jmarin@llorenteycuenca.com

## José Beker

Chief Creative Officer Américas  
Cofundador e CEO da BESO  
pela LLYC



josebeker@beso.agency

## ESTADOS UNIDOS

### Darío Álvarez

CEO U.S.  
dalvarez@llorenteycuenca.com

### Rebecca Bamberger

CEO da BAM by LLYC



rebecca@bamtheagency.com

## REGIÃO NORTE

### David González Natal

Sócio e Diretor Geral Região Norte  
dgonzalezn@llorenteycuenca.com

### Mauricio Carrandi

Diretor Geral LLYC Mexico  
mcarrandi@llorenteycuenca.com

### Michelle Tuy

Diretora Geral LLYC Panamá  
michelle.tuy@llorenteycuenca.com

### Iban Campo

Diretor Geral LLYC República  
Dominicana  
icampo@llorenteycuenca.com

## REGIÃO ANDINA

### María Esteve

Sócia e Diretora Geral Região Andina  
mesteve@llorenteycuenca.com

### Daniel Titingier

Diretor Geral LLYC Peru  
daniel.titingier@llorenteycuenca.com

### Carlos Llanos

Sócio e Diretor Geral LLYC Equador  
cllanos@llorenteycuenca.com

## REGIÃO SUL

### Juan Carlos Gozzer

Sócio e Diretor Regional  
jgozzer@llorenteycuenca.com

### Maria Eugenia Vargas

Diretora Geral LLYC Argentina  
mevargas@llorenteycuenca.com

### Thyago Mathias

Diretor Geral LLYC Brasil  
tmathias@llorenteycuenca.com

### Juan Cristóbal Portales

Diretor Geral LLYC Chile  
juan.portales@llorenteycuenca.com

# Deep Digital

## Adolfo Corujo

Sócio e Deep Digital CEO  
acorujo@llorenteycuenca.com

## Javier Rosado

Sócio e Diretor Geral de Deep Digital  
Américas  
jrosado@llorenteycuenca.com

## Federico Isuani

Diretor Geral Deep Digital  
Região Norte e USA  
Cofundador e CEO da BESO by LLYC



federico.isuani@beso.agency

## Jesús Moradillo

Diretor Geral da Deep Digital  
Europa  
CEO e fundador da Apache Digital



jesus.moradillo@llorenteycuenca.com

## Daniel Fernández Trejo

Diretor Sênior Deep Digital  
e CTO Global  
dfernandez@llorenteycuenca.com

## Anahí Raimondi

Diretora de Operações da  
Deep Digital  
araimondi@llorenteycuenca.com

## David Martín

Diretor Geral da Deep Digital  
Região Andina  
david.martin@llorenteycuenca.com

## Diego Olavarría

Diretor Geral da área de Deep  
Digital Região Sul  
dolavarría@llorenteycuenca.com

## Luis Manuel Núñez

Diretor Geral de Estratégia e  
Desenvolvimento de negócios de  
Deep Digital Américas  
luisma.nunez@llorenteycuenca.com

## Carmen Gardier

Diretora Sênior da área Digital  
Américas  
cgardier@llorenteycuenca.com

## Alejandro Dominguez

Diretor Sênior Digital Europa  
adominguez@llorenteycuenca.com

## Fernanda Hill

Diretor Geral da BESO pela LLYC



fernanda.hill@beso.agency

[revista-uno.com.br](http://revista-uno.com.br)